

António Fidalgo

Joaquim, o Último dos Profetas

Romance

1

Nos nossos dias, em que o papa é João Paulo II e António o patriarca de Lisboa, Deus dirigiu a sua palavra a Joaquim, filho da viúva Isaura, quando guardava o rebanho de cabras e ovelhas nas campos da Idanha. Eram três horas da tarde do primeiro Domingo de Agosto quando Joaquim viu um remoinho que avançava direito como uma coluna pelo caminho do Areal. Aproximando-se a coluna de poeira cada vez mais, persignou-se e começou a rezar pelas almas. De súbito tudo ficou em silêncio e o sol de Verão tornou-se ainda mais ardente. Joaquim encheu-se de medo e de suores frios. A

coluna entrou soberana pelo portão das Limpas, deixou o caminho e dirigiu-se ao local em que Joaquim apascentava o rebanho. Estarrecido viu que a coluna era feita de labaredas de fogo que irrompiam do solo sem queimarem o restolho do centeio. Tremendo atirou-se ao chão, a face contra a terra. Da coluna de fogo saiu uma voz poderosa como mil trovões:

– "Joaquim, Joaquim".

Joaquim balbuciou:

– "Sim, sou eu".

– "Eu sou o Deus vivo, Deus de teus pais e teu Deus, senhor do universo e rei do mundo".

O terror de Joaquim aumentou face à majestade de Deus.

– "Os homens que eu criei esqueceram-se de mim como a um antepassado morto há centenas de anos. Orgulham-se das suas obras e comprazem-se no seu poder. Confiam em si e julgam bastar-se a si mesmos. Encheram-se de dinheiro e riqueza e dizem que nada lhes falta. Estou farto desta gente insensata que se vangloria da própria loucura. Mas hei-de porventura destruir os homens, obra das minhas mãos, e esquecer-me da minha benevolência para com eles? Vou avisá-los pela última vez. Dir-lhes-ás:

– A paciência de Deus está a terminar, a sua cólera está prestes. A soberba cegou-vos e as ciências subiram-vos à cabeça. Entregais-vos aos vícios e aos prazeres e dizeis: Deus morreu, podemos fazer tudo. Filosofais sobre a morte de Deus e gloriáis-vos de vos terdes libertado do seu jugo. Eis o que diz o Deus vivo, aquele que é o princípio e o fim: – A hora está a chegar em que não mais vos ouvirei, o momento da vossa condenação está iminente. Arrependei-vos e convertei-vos agora, paraí o último passo antes da queda. Mudai hoje de vida, pois amanhã será tarde.

Reconhecei que só Deus é santo, que só Ele é o senhor,

que tudo Ele criou e tudo a Ele pertence. Dizei no vosso coração: em ti, oh Deus, eu confio, Tu és a minha salvação.

Pois eu vos digo, palavra do Senhor: Se não me escutardes morrereis. Lançarei fogo sobre vós, sobre as cidades e as serras, destruirei as vossas casas e fábricas, matarei os animais e incendiarei as florestas, farei dos vossos campos desertos e secarei os rios e os mares. Palavra de Deus que foi, que é e será sempre".

Joaquim tremia como varas verdes. De rosto colado à terra murmurou para si, sem se atrever a ripostar:

– "Mas eu nem acabei a escola e só sei guardar gado".

Deus que lê nos corações disse-lhe:

– "Criei o mundo e dei vida ao barro; porque a Deus nada é impossível. Não queiras tu ajuizar das minhas decisões. Não temas porque infundirei em ti a minha graça. Da tua fraqueza farei um bastião de força e da tua ignorância um poço de sabedoria. Porque eu sou o senhor. Deixarás o rebanho e serás profeta do Altíssimo, o último dos profetas."

Tinha Deus acabado de falar quando um peso enorme se abateu sobre Joaquim e um fogo de mil brasas lhe queimou a língua e os lábios. Joaquim julgou que seria esmagado e queimado. O mundo inteiro pesava sobre ele e o fogo de Deus purificava-o.

– "Salvai-me que eu morro."

O grito de Joaquim foi ouvido. O peso diminuiu e o fogo que o devorava extinguiu-se. Exausto, com a respiração ofegante, levantou-se. A coluna de fogo já não se encontrava ali.

Joaquim tinha a cara cheia de arranhões do restolho, o corpo como se fora moído por mil sovas e a roupa suja. Mais morto que vivo sentou-se junto ao tronco de uma oliveira. As ovelhas estavam deitadas à sombra das árvores, mas as cabras

tinham desaparecido. A custo chamou o cão. Mas também ele fugira. Cansado, sem cabras e sem cão, Joaquim começou a chorar. Lágrimas silenciosas rolaram-lhe pela face. Depois o choro converteu-se num soluçar violento que provinha do coração em sangue. Sentiu-se perdido.

Era noite cerrada quando conseguiu encontrar a última cabra. Com os pés cheios de bolhas, as roupas rasgadas de procurar as cabras no meio de silvas e codessos e a alma vazia chegou a casa já a mãe estava na cama.

– "Onde é que andaste até estas horas, malandro." Gritou-lhe a velha do cubículo escuro em que dormia.

Não lhe respondeu.

– "Há caldo na panela, se o vinho não te encheu ainda a barriga."

A mãe julgava que ele tinha levado o gado para o cabanal como sempre ao pôr do sol e que desde então estivera na taberna.

Joaquim meteu-se na cama sem nada comer e adormeceu de imediato.

2

Durante a semana Joaquim não falou de Deus a ninguém. Pensava como havia de deixar o gado e começar a avisar as pessoas. No sábado à tarde Deus voltou-lhe a aparecer quando guardava o rebanho na Tapada Vermelha.

– "Porque te preocupas com o gado? Porventura não será a minha palavra, fonte de vida, mais importante que cabras e ovelhas? E porque perguntas a ti mesmo o melhor momento para anunciar a minha palavra? Acaso segue a minha palavra as conveniências das pessoas? Falarás a tempo e fora de tempo porque todo o tempo a mim pertence."

No dia seguinte, Domingo, Joaquim não foi buscar o gado ao cabanal. Em vez disso tomou banho, vestiu o melhor fato e foi à missa. Estava o padre a terminar a homília quando Joaquim tocado pelo Espírito de Deus disse com voz forte:

– "O trigo há-de ser queimado e os cardos e as silvas serão levados para a eira."

Todo o povo presente à missa voltou à uma os olhos para Joaquim. Um silêncio pasmado caiu sobre a igreja. Como quem não faz caso, o padre Moita introduziu o Credo:

– "Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra..."

No fim da missa as pessoas ficaram em magotes no adro da igreja discutindo tamanho despropósito. Era opinião geral que a culpa era do vinho.

– "E ele que gosta bem do tinto", diziam.

Então Joaquim subiu para um dos bancos de pedra no adro e dirigiu a palavra ao povo:

– "Deus está farto de vós. Foi Ele quem mo disse. Se não arrepiardes caminho, se não vos emendardes, ele dará cabo de vós. Disse-me ainda que isto tem de ser depressa, porque senão será tarde de mais."

O povo começou a rir e a fazer troça de Joaquim.

– "Olha que padrega havíamos de arranjar."

– "Oh, Fusco, quantos quartilhos de vinho já bebeste hoje?"

Alcunhavam assim Joaquim por ele ter a pele tisonada pelo sol.

Joaquim não receou a zombaria e gritou:

– "Não estou bêbado. Há uma semana que não toco no vinho e hoje ainda estou em jejum. Estou aqui a falar-vos porque foi Deus que me mandou fazê-lo. Ele foi ter comigo às Limpas quando andava com o gado e disse-me para vos avisar

porque Ele já está farto de vós. Esquecesteis-vos de Deus e viveis como se Ele não existisse. Mas agora a sua paciência chegou ao fim e ou vos converteis ou Ele destruirá a fogo as casas e os campos, tudo o que tendes e tudo o que sois."

Mas o povo continuava a rir-se e não dava ouvidos a Joaquim.

– "Muito bem cantas, mas não me encantas."

– "É melhor ires pregar lá para a serra. Nós já temos padre. Vai pregar às raposas e aos coelhos."

Joaquim continuou:

– "Vindes à missa, mas não pensais em Deus. Vindes à missa como quem vai à feira. Olhais uns para os outros e reparais em quem traz roupa nova. Vindes carregados de pecados e voltais carregados com eles. Vindes à missa só porque é costume. Mas se não vierdes para vos arrependerdes e para mudar de vida, então não vinde. Ficai em casa a guardar as carteiras que é onde está o vosso coração.

Deus não vai esperar mais tempo. Ou vos mudais ou então haveis de ver e sentir a sua cólera. Foi Ele quem mo disse e é só isso que vos estou a dizer.

Fazei o que Deus vos manda e Ele terá misericórdia de vós, crede com o coração naquilo que dizeis com a boca."

As pessoas, entretanto, viraram as costas a Joaquim e começaram a ir-se embora. As mulheres tinham que fazer o almoço e os homens não queriam esperar mais tempo para irem para a taberna. Apenas algumas crianças ficaram ali, que as outras tinham-nas as mães levado consigo.

Joaquim desceu do banco de pedra e sem passar por casa dirigiu-se para a serra. Ao entrar nos campos uma enorme angústia se apoderou dele. Gotas de suor irromperam-lhe da fronte. Começou a correr sem se dar conta para onde os seus passos o levavam. Quando caiu prostrado por terra estava no

local das Limpas onde Deus lhe aparecera pela primeira vez. Joaquim ergueu a voz aos céus:

– "Falei-lhes como vós me mandastes, mas eles não me quiseram ouvir. É tempo perdido eu estar a falar-lhes. Conhecem-me como um amigo do vinho e nunca me levarão a sério. Mais vale escolherdes uma pessoa melhor."

Ainda Joaquim falava quando nuvens escuras começaram a cobrir o céu azul de verão. Num ápice a terra escureceu e ventos de tempestade sacudiram as árvores. Relâmpagos e trovões antecederam uma chuva torrencial que de um momento para o outro inundou os campos. Raios desceram sobre as árvores, rachando-as a meio. Todo molhado, com a roupa encharcada, Joaquim compreendeu que despertara a cólera do Senhor. Quem era ele para dar conselhos a Deus? Caiu em si e pediu perdão.

Foi assim que o primeiro dia da pregação de Joaquim ficou a ser conhecido como o Domingo da grande trovoada de Agosto.

Quando chegou a casa a trovoada tinha passado e o sol brilhava outra vez. A mãe chamou o filho a contas.

– "Que andas a fazer que o rebanho ainda está no cabanal? Será que perdeste o juízo ou não tens vergonha?"

Joaquim respondeu-lhe:

– "Para mim acabou-se a vida de pastor. Nunca mais torno a sair com o rebanho."

A mãe ralhou e praguejou. Joaquim fazia despropósitos na igreja e agora queria levar vida de lambão.

– "Não me dizes como é que nos vamos governar?" perguntou a mãe a Joaquim. Os dois viviam do rebanho, da venda do leite, dos queijos e das crias.

– "Deus não nos há-de faltar com pão."

– "Mas é preciso ganhá-lo. Ou será que Deus agora

também governa vadios?"

– "Sim, Deus também governa vadios."

3

Na segunda feira o padre Moita mandou chamar Joaquim. O sacerdote perguntou-lhe:

– "Para que quer Deus os cardos e as silvas na eira?"

Sem pestanejar Joaquim respondeu:

– "Para deles fazer o pão já que o trigo não deu grão."

O padre Moita ficou admirado com aquela resposta.

Mesmo assim prosseguiu:

– "E qual é o trigo que não deu grão?"

– "Todos os que vêm à igreja, ouvem a palavra de Deus e não a põem em prática."

– "Bom, bom" – disse o padre Moita resolvido a mudar de assunto – "deixemos as discussões teológicas que não são assim tão simples. Porque é que ontem me interrompeste na missa?"

Joaquim ficou calado.

– "Achas que está bem gritar na missa o que nos vem à cabeça?"

Também desta vez Joaquim não respondeu.

– "Cá fora no adro afirmaste que Deus te dissera estar farto do povo. É verdade ou não que o disseste?"

– "Sim, senhor. É verdade."

– "E é também verdade que Deus te falou?"

Joaquim olhou o padre nos olhos.

– "É verdade. Deus disse-me que estava farto do povo e que as pessoas tinham que mudar de vida. Senão seria o fim deles."

– "Quer dizer que tiveste uma visão?"

– "Não, senhor. Deus foi ter comigo às Limpas e à Tapada Vermelha quando guardava o gado. Disse-me para dizer o que ontem disse e é tudo."

– "Mas isso é uma visão. Se viste Deus quer dizer que tiveste uma visão."

Joaquim não retorquiu ao saber do sacerdote. Deus tinha vindo falar com ele quando guardava o rebanho nas Limpas, e isso era tudo o que sabia dizer.

– "Conta-me lá a visão que tiveste", ordenou-lhe o padre Moita.

Joaquim contou então como Deus lhe aparecera nas Limpas às três da tarde de Domingo da semana passada e repetiu as palavras de Deus.

– "As três da tarde...", repetiu o padre Moita para consigo. "Isso são horas de sesta. E agora no Verão..."

– "Não foi sonho" – protestou Joaquim. "Estava bem acordado quando Deus me falou. E depois também foi ter comigo à Tapada Vermelha."

– "Há sonhos e sonhos, Joaquim. A psicologia tem muito que contar sobre o assunto, mas isto são coisas demasiado difíceis para as entenderes."

– "Eu vi Deus. Ele falou-me", ateuou Joaquim.

– "Deus não aparece assim sem mais nem menos. Mesmo grandes santos nunca o viram aqui em vida e agora vens tu afirmar que Deus te apareceu. Porque é que havia de te aparecer? Bem sabes que a tua vida não tem sido a de um bom cristão. Faltas à missa e este ano nem fizeste a desobriga."

– "Também acho que não sou a pessoa mais indicada. Mas Deus disse-me que faz o que quer e que não tem de dar satisfações a ninguém."

– "É claro que os desígnios de Deus são insondáveis. Mas isso de Deus fazer o que quer não é bem assim. Ele age

segundo um plano salvífico que nós não somos capazes de compreender. É um dos mistérios da fé. Por isso é que às vezes não compreendemos aquilo que Ele nos diz. Estás a entender?"

Joaquim entendia pouco. Sabia que Deus lhe falara, mas não sabia porque é que Deus lhe tinha falado a ele e não a outros. E agora o padre Moita procurava convencê-lo que tudo tinha sido um sonho, que Deus não lhe falara porque não havia razões para isso.

– "O que é que julgas que o papa, os bispos e os padres fazem a não ser anunciar a palavra de Deus? Ou será que Deus não está satisfeito com eles e é preciso ir Ele falar-te às Limpas?"

– "Deus não me disse isso".

– "Mas é o que se conclui. Se Deus te faz profeta, e logo o último dos profetas, é porque os seus representantes aqui na terra não cumprem a missão deles".

Joaquim ficou em silêncio. O padre Moita tomou então um ar paternal e amigavelmente disse a Joaquim:

– "As coisas de Deus são muito sérias, Joaquim. Andei doze anos a estudar no seminário e o que sei acerca de Deus é uma gota de água comparada com o oceano da teologia. Temos que reconhecer a nossa ignorância e ouvir humildemente os que sabem muito mais que nós. Acho que Deus te deu um sinal. Ele quer que te tornes um bom cristão."

– "Não foi isso que Ele me disse", insistiu Joaquim.

O padre Moita perdeu a paciência.

– "E lá estás tu outra vez. Quem te diz a ti que foi Deus que te apareceu? O que é que viste? Foi uma coluna de fogo, não foi? E se era o diabo? "

– "Mas Deus disse:" Eu sou o Deus vivo, Deus de teus pais e teu Deus, senhor do universo e rei do mundo"".

– "Isso não quer dizer nada. Quantas vezes o demónio

tem aparecido sob a forma de anjo afim de enganar os santos. Sabes lá tu de que estratagemas é capaz o maligno só para apanhar almas".

– "Mas o que se passou depois, o peso nas costas e o fogo na boca, tudo foi verdadeiro".

– "E achas que isso é uma coisa por aí além? Quantas pessoas não há a quem aconteceram coisas estranhíssimas. E, no entanto, não passa pela cabeça de ninguém considerá-las profetas. Olha lá. Achas que, depois de te ter escolhido para profeta, Deus ia espantar-te o gado?"

– "Só fugiram as cabras e o cão. As ovelhas ficaram lá".

– "Isso não importa. Achas que era capaz de te espantar as cabras? Para quê?"

– "Não sei. Mas que o fez, fez".

– "E tu a dar-lhe. Deixaste-te dormir, tiveste um sonho, as cabras e o cão desapareceram e depois vens dizer que Deus te apareceu. É uma coisa que não tens pés nem cabeça".

O padre Moita levantou-se irritado da secretária e foi até à janela onde ficou alguns minutos em silêncio. Joaquim continuou de pé em frente à secretária. Por fim, o sacerdote tomou uma resolução.

– "Vou dar-te um catecismo já com uma certa profundidade. Não é numa conversa que te posso explicar a História da Salvação. Verás que o tempo dos profetas já passou. Quando não entenderes alguma passagem vem ter comigo para eu ta explicar".

O padre Moita pensou que com o tempo e com alguma instrução religiosa Joaquim perderia a mania de profeta.

Obedecendo a Deus, Joaquim começou a percorrer a

aldeia e os campos anunciando a todos a última oportunidade de salvação. Levantava-se ainda noite escura e acompanhava os camponeses madrugadores a caminho das hortas, contandolhes como Deus lhe aparecera e o que lhe dissera.

– "Chegou a altura de pordes fim à vida de trabalhar para comer e de viver para trabalhar. Passais todo o ano a semear, a regar e a colher para que a comida nunca falte às vossas mesas. Mas mais do que as batatas e os feijões é de Deus que precisais. De que vale terdes a barriga cheia se levais uma vida de pecado e com isso provocais a cólera de Deus? Vós só pensais na barriga, no dinheiro e no prazer e esqueceis-vos de Deus. Levantais-vos e deitais-vos como se Ele não existisse. Semeais e colheis como se as culturas dependessem apenas do vosso trabalho e dos adubos. Não vos lembrais que é Deus que vos sustenta e cada dia vos livra da morte. Pois sem Deus que diferença há entre vós e os burros e as cabras? Como vós também comem e dormem e ganham a comida com o que fazem e produzem. Chegou a altura de pordes fim a esta vida de animais, sempre com os olhos postos naquilo que vos serve para a barriga e para o prazer. Deus está farto da vida sem sentido que levais. Está farto de pordes de lado as coisas boas que vos dá a toda a hora e de preferirdes coisas que não prestam. Está farto porque Ele fez o mundo e criou os animais e as plantas para que vós o servísseis e honrásseis, mas vós gostais mais de serdes animais do que feitores daquilo que Deus vos confiou.

Vós não sois animais e por isso é muito diferente se sois vós ou se são os animais que comem as batatas. Aos animais não fazem mal, mas a vós, se as comerdes em pecado, envenenam-vos. Porque foi por causa delas que vos esquecestes de Deus. Se não virdes nas batatas e nas couves e em tudo o que semeais e colheis dádivas de Deus, estais a

cultivar o veneno que vos matará refeição a refeição. Porque no dia em que tiverdes de dar contas a Deus tudo o que metestes na boca e de nada vos serviu para O louvar será motivo de condenação. Sem comida não viveis, mas o mal é que vós ficais por aí como se Deus não vos tivesse posto muito acima dos animais. Deus não quer que reguleis a vossa vida pelas leis da barriga e do prazer. Ele quer que sigais a sua lei e que mudeis de conduta.

A vida que levastes até aqui tem de acabar e tendes de começar nova vida. É isso que Deus quer, é isso que vos ordena e é isso que tendes de fazer. Ele não vai deixar que continueis sempre na mesma. Durante muito, muito tempo Ele esperou que mudásseis. Mas vós fizestes orelhas moucas. Agora a sua paciência chegou ao fim. Ou vos arrependeis dos pecados, da vida sem sentido, do tempo que vivestes sem Deus, e vos converteis e começais vida nova ou Deus destruirá as vossas hortas e campos, secará os poços e as ribeiras, incendiará as casas e os palheiros e lançar-vos-á nas chamas donde nem um só escapará. Esta é a última oportunidade que Ele vos dá. Não a desperdiceis como tendes desperdiçado todas as outras. Não tereis outra oportunidade. Deixai as couves e os feijões e voltai para trás. Ide ter com o padre Moita para vos confessardes da podridão que vai dentro de vós. Arrependei-vos bem do pecado que tem sido a vossa vida e começai uma vida nova, honrando e louvando a Deus com tudo o que sois, o que tendes e fazeis."

Joaquim voltava dos campos e postava-se frente ao mini-mercado onde as mulheres da aldeia iam fazer as compras.

– "Todos os dias perguntais de manhã "que hei-de fazer para o almoço e que será o jantar?" e à noite pensais nas roupas que os vossos homens e os vossos filhos hão-de vestir no dia seguinte. Preocupais-vos com o que dizem as vizinhas e

procurais que ninguém tenha nada para vos criticar. Ambicionais ser boas mães e boas esposas e julgais que com isso tendes o vosso dever cumprido. Estais enganadas. Muito mais importante do que serdes boas mulheres e boas mães é andardes na graça de Deus, honrá-Lo e servi-Lo. Mas como haveis de louvar Deus se vos esquecestes d'Ele e só pensais em cozinhar a tempo e horas e na roupa lavada? Não é por esfregardes a casa todos os dias e não terdes calotes nas lojas de comércio que vos salvais. Só se salva quem seguir a lei de Deus. Mas vós dais mais importância àquilo que os outros dizem e viveis conforme o que os outros acham bem e acham mal. Chegou o momento de acabardes com a vida de fachada, de viver sempre diante dos olhos dos outros e com os vossos olhos postos nos deles. Eles não vêem dentro dos vossos corações, mas Deus vê. É diante de Deus que tendes de viver e não diante dos outros que são tão maus como vós. O que Eles pensam de vós não interessa, desde que andeis nos caminhos de Deus. Se para isso for preciso que os vossos filhos andem sujos, então deixai-os andar sujos e se for preciso que os vossos homens passem fome, então deixai-os passar fome. Não temais os vossos homens porque Deus é muito maior. Ou será que tendes mais medo deles do que de Deus? Ficai sabendo que a ira de Deus é terrível e que é a Ele que tereis de prestar contas. Amanhã morrereis e não tereis de ouvir mais críticas das vizinhas nem ordens dos vossos homens, mas Deus arrancar-vos-á de debaixo da terra e pedir-vos-á contas do que fizestes e não fizestes. É a altura de vos converterdes, de olhar para Deus e pedir perdão. Ide ter com o padre Moita e confessais-vos. Reconhecei que a vossa vida tem sido um teatro vazio e inútil. Convertedei-vos à graça de Deus.

O que vos estou a dizer é um aviso muito sério. Deus mandou-me dizer-vos que se não mudardes de vida e passardes

a andar sob o seu olhar, a sua sentença cairá sobre vós como o fogo sobre a palha. Sereis pasto das chamas eternas. Não andeis mais tempo em pecado, porque não tendes mais tempo para perder. É agora que Deus quer que vos convertais. Amanhã será tarde."

Depois de falar às mulheres junto ao mini-mercado Joaquim ia à taberna onde encontrava muitos reformados, a maior parte deles regressados à aldeia depois de terem trabalhado em Lisboa e na França.

– "Bebeis copos de vinho enquanto esperais a morte. Pensais que fizestes o que tínheis para fazer e que agora vos podeis dar ao luxo de passar todo o dia na taberna. Esqueceis-vos que ainda não prestastes contas da vossa vida. Os copos de vinho ajudam-vos a esquecer isso. Quando éreis novos e tínheis força sentíeis-vos capazes de tudo e nem vos dava para pensar em Deus. Agora que sois velhos, bebeis para esquecer esse esquecimento que vos custou a vida. Porque o que vos ficou dela é a velhice, o reumatismo e amanhã a cova. Perdestes esta vida, não queirais perder a outra que nunca acaba. O que já perdestes não é nada em comparação com o que estais a caminho de perder. Se não vos arrependerdes das asneiras que fizestes ao longo de tantos anos e não nascerdes de novo para a vida de Deus, a cova que vos espera no cemitério será a porta para o castigo eterno. Deus também me manda avisar-vos. Não podeis dizer que Ele não esperou muito tempo. Sois testemunhas da sua paciência. Mas chegou o momento de finalmente acabardes com a vida velha e começar vida nova".

5

Mas ninguém deu ouvidos a Joaquim até ao dia em que operou o milagre da filha do José Lagarto, a Gertrudes. Nesse

dia regressava Joaquim da sua pregação pelos campos, ainda o sol ia alto e o calor apertava, quando chegou à Açude cansado e cheio de sede. O José Lagarto regava milho basto quando viu Joaquim passar as poldras da ribeira.

– "Anda cá, Joaquim, que hás-de beber um copo de vinho".

– "Vinho não, mas agradecia um copo de água".

Joaquim abriu a cancela de madeira que servia de portão e entrou na propriedade. Atrás dos cães que ladravam apareceram os quatro filhos do José Lagarto, sujos e ranhosos. Viviam todos ali na Açude com as galinhas e o burro, os cães e o porco. Entre eles estava Gertrudes a aleijada. Tinha uma perna mais curta que a outra e tão miudinha que parecia um palito. Com seis anos de idade era a mais velha dos irmãos.

– "Tu agora não bebes vinho?" perguntou o José Lagarto a Joaquim.

– "Não", respondeu Joaquim.

– "Mas olha que o padre na missa nunca o deixa ficar".

– "Isso é outra coisa".

Quando Joaquim bebia água da bilha de barro o José Lagarto baixou a voz e, mais sério, perguntou a Joaquim:

– "Dizem para aí que andas a dizer que Deus te apareceu? É verdade?"

– "É verdade. Deus foi ter comigo às Limpas no Domingo antes da trovada de Agosto. Mandou-me dizer a toda a gente que já está farto e que se não converterem serão condenados e morrerão".

– "É o fim do mundo?" perguntou o Lagarto.

– "Se as pessoas não mudarem de vida é o fim do mundo", assentiu Joaquim.

– "Mudar de vida, como? Queres que largue aqui o chão e vá para a igreja todo o dia?"

– "Não", respondeu Joaquim. "Tens que te mudar a ti mesmo. É preciso que faças as coisas com outro espírito. Não importa que estejas aqui ou ali, que faças isto ou aquilo, o que Deus quer é que faças tudo na sua lei. Tens de fazer o bem e de deixar o mal. Não deves roubar o feno nem a azeitona e tens de te pôr a bem com o teu irmão António".

José Lagarto ficou calado ao ouvir estas palavras. A mulher, a Olívia Lagarto, que tinha ouvido a conversa, disse a Joaquim:

– "Se Deus vai ter contigo e te fala, então diz-lhe para curar a Gertrudes".

– "Se acreditares, Ele cura-a", disse-lhe Joaquim.

– "Acredito que Deus te apareceu se a Gertrudes ficar boa".

Joaquim exaltou-se:

– "Mas tu julgas que Deus anda às tuas ordens e que lhe fazes um favor se acreditares? Deus não tem obrigação nenhuma de te curar a filha. Dá-te a oportunidade de acreditares e te converteres e tu pões-te com exigências. Fica sabendo que Deus não precisa da tua fé para nada".

A mulher ia responder a Joaquim, mas o homem mandou-a calar.

– "Acho que tens razão, Joaquim. Mudar de vida não é assim tão fácil. Eu acredito que Deus te falou e que é verdade aquilo que dizes".

Era a primeira vez que alguém acreditava em Joaquim.

– "És feliz José Lagarto. Abriste o teu coração a Deus e Deus vai enchê-lo de alegria".

Na manhã do dia seguinte, tinha ido Joaquim para os lados do Ronceiro, vieram dizer-lhe que o José Lagarto andava como louco à sua procura.

– "Diz que a Gertrudes está curada. Mas está tão fora de

si e diz tanta coisa ao mesmo tempo que mal se entende".

Joaquim dirigiu-se de imediato à aldeia. Não tinha ainda lá chegado quando ouviu os sinos da igreja tocarem como se fosse à procissão. Sentiu a alegria do José Lagarto e o seu coração também rejubilou com a força de Deus. No adro da igreja um grupo de pessoas rodeava a Gertrudes que tinham posto de pé no banco de pedra onde Joaquim falara ao povo pela primeira vez. Ao ver Joaquim, a Olívia Lagarto atirou-se-lhe aos pés.

– "Ai santo da minha alma que curaste a minha filhinha".

Joaquim levantou-a e proibiu-lhe que dissesse semelhante coisa. Gertrudes tinha agora duas pernas iguais e os que a rodeavam queriam tocar-lhe na perna curada. Todos queriam saber como é que a cura se dera e interrogavam Joaquim. Joaquim mandou parar os sinos, subiu para o banco de pedra e falou à multidão.

– "Deus curou a filha do José Lagarto. Ainda ontem tinha uma perna mais curta que a outra e hoje está aqui com as duas pernas iguais e sãs. É altura de abrires os olhos. Deus mandou-me dizer-vos que tendes de mudar de vida e vós não fizestes caso. Agora Deus põe-vos este milagre à frente dos olhos. Porque esperais para vos arrependerdes e e vos converterdes à sua graça? Deus é bom e tendes aqui uma prova. Mas vós abusais da sua bondade. Dá-vos a vida todos os dias e todos os dias faz nascer o sol para vos iluminar e aquecer. Tudo por vossa causa. Mas vós viveis como se isso fosse normal e Deus não existisse. Gozais as dádivas de Deus e ignorais quem vo-las dá. Sois egoístas. E quanto mais recebeis mais vós quereis. Quereis saúde, dinheiro, amigos e que nunca nada vos falte. Fazeis de Deus uma vaca leiteira. Mas isso acabou. Deus está farto do vosso egoísmo e da vossa malícia. Ou mudais de vida e honrais verdadeiramente a Deus ou Deus

dar-vos-á aquilo que mereceis e então morrereis todos às suas mãos. Eu aviso-vos: com Deus não se brinca. Julgais que por Ele ter esperado tanto tempo ainda vai mais esperar mais tempo? Deus não espera mais, agora é a vossa vez.

Foi Deus que criou o mundo. Foi Ele que fez o sol, a lua e as estrelas. Tudo o que fez, os céus e a terra, foi por amor dos homens. Mas sabeis bem o que é que aconteceu – o padre Moita di-lo muitas vezes na igreja. Não contentes com o que Deus lhes dera o Adão e a Eva quiseram mais. Deus então mandou-os por fora do paraíso. Mesmo assim Deus teve pena dos desgraçados. Tanto fez por eles que entregou o próprio filho à morte na cruz. Apesar de serem maus Deus fez tudo para que se salvassem. Não souberam, porém, agradecer a bondade de Deus. Pelo contrário, esqueceram-se d'Ele e até afirmam que Ele morreu.

Deus falou-me nas Limpas. Mandou-me dizer-vos que esta é a última oportunidade que vos dá; Ele não vai esperar mais tempo. Ou vos converteis agora ou então será tarde de mais. Acabou-se a paciência de Deus, não abuseis mais da sua misericórdia. Ide ter com o padre Moita, confessai-vos e começai vida nova".

Dito isto Joaquim desceu do banco de pedra e saiu dali em direcção à serra.

6

A notícia do milagre espalhou-se pelas aldeias e concelhos circunvizinhos. Começaram a vir pessoas de outras terras para verem Joaquim e traziam-lhe deficientes para curar e problemas para resolver. Quando Joaquim voltava dos campos encontrava agora frequentemente gente estranha à porta de casa. Quase todos era gente pobre. Quando traziam um

doente vinham de taxi.

– "Porque deixais as vossas terras? Deus está em toda a parte e em toda a parte é o mesmo Deus, dizia-lhes Joaquim. O que tenho para vos dizer, manda-o dizer Deus em todos os lados. Convertei-vos, mudai de vida. Fazei o bem e deixai de fazer o mal. Entregai-vos a Deus, ponde as vossas vidas nas suas mãos e Ele vos salvará. Deus não me mandou dizer coisas novas. O que Ele me manda dizer é o que sempre ouvistes aos padres. Porque não lhes dais ouvidos e vindes aqui? É lá onde viveis que tendes de mudar de vida.

Voltai às vossas terras e iniciai lá vida nova e Deus terá piedade de vós".

– "Mas nós vimos de tão longe, perdemos um dia de trabalho e agora havemos de voltar assim?", retorquiam-lhe.

Joaquim zangava-se:

– "E que tem Deus a ver com os vossos passos? Quereis que Ele dance com a vossa música? Mesmo que viésseis do fim do mundo, isso nada significaria para Deus. Não é por fazerdes isto e aquilo que Deus tem piedade de vós. Junto a Deus não tendes direitos nenhuns. Tudo o que Ele faz provém da sua bondade e não daquilo que fazeis".

– "Deus é bom e nós precisamos de ajuda. Não lhe pedimos nada de mau", interpunham.

– "O que é bom para vós não é bom para Deus. Ou julgais que os vossos critérios são os critérios de Deus? Vós que sois maus quereis dizer a Deus o que é bom e o que Ele deve fazer? O orgulho é a vossa condenação. Quereis-vos pôr acima de Deus, fazer dele um criado para todo o serviço, mas Ele vai mostrar-vos, não tarda nada, que é Ele que é o senhor".

As pessoas escandalizavam-se e iam-se embora dizendo que tinham vindo ver um farsante e que era impossível que Deus tivesse aparecido a semelhante homem.

– "Se Deus fosse assim como ele o pinta, então nunca mais acreditaríamos em Deus", diziam.

Um dia trouxeram de longe uma menina cega para que Joaquim a curasse.

– "Se os médicos a não curam, como quereis vós que eu a cure, eu que toda a vida guardei gado?"

– "Disseram-nos que curaste uma menina aqui na terra. Também podes curar esta".

– "Não fui eu quem a curou, foi Deus. Só Deus e mais ninguém pode fazer milagres, porque só Ele é o Senhor".

– "Mas tu falas com Deus, pede-lhe que a cure".

– "Falai vós com Ele. Não é surdo e ouve-vos tanto como a mim"

– "Não achas que se curou a outra também pode curar esta?"

– "Pode curá-las todas, como também pode curar só uma ou nenhuma", respondeu Joaquim.

– "Isso não é justo. Não somos todos filhos de Deus?"

– "Tendes um coração ruim e invejais aqueles de quem Deus teve misericórdia. Que contas tem Deus a dar-vos se quis curar quem quis? Nenhumas".

Vendo que Joaquim não curava a menina, os familiares meterem-na no taxi e foram-se embora dizendo mal de Joaquim.

Outros procuravam dar dinheiro a Joaquim e prometiam-lhe muito mais se Deus lhes fizesse a graça desejada.

– "Desgraçados, gritava-lhes Joaquim. Pensais que o reles dinheiro tudo compra e que até Deus criador do mundo e senhor do universo venderá as suas graças. Afastai-vos de mim, malditos. Ide e levai o dinheiro convosco. Fazei os pactos que quiserdes com Satanás, mas não vinde queimar-vos ainda mais".

E Joaquim mandava-os embora à má cara.

7

Como Joaquim se recusava a pedir pela cura dos doentes e deficientes que lhe traziam começaram a levantar-se dúvidas sobre a cura da filha do José Lagarto, a Gertrudes. Nascera na Açude, no campo, e lá tinha vivido desde então. À aldeia tinha vindo poucas vezes e quando viera tinha sido sempre depois do sol posto. Os pais, analfabetos, nunca a tinham levado ao médico porque, diziam, nada havia a fazer. Os que não acreditavam em Joaquim diziam que o milagre não passava de uma burla bem montada entre ele e os Lagartos.

– "O milagre é muito fácil de explicar, diziam. Antes de ir para a escola era aleijada. As pessoas tinham pena dos Lagartos e davam-lhes esmolas. Agora que é obrigada a ir para a escola, e eles já não podem esconder a verdade, aparece escorreita à custa de um milagre. Tudo isto foi muito bem tramado que eles são uns grandes malandros. Mas só se deixa enganar quem é parvo".

A esta argumentação contrapunham alguns que muita gente da aldeia tinham passado pela Açude e visto que a menina era realmente aleijada. Além disso seria impossível durante tantos anos fazer passar uma criança perfeita por deficiente e logo com um defeito tão grande e visível. Tais objecções não convenciam, porém, os cépticos.

– "As gentes aqui das nossas bandas são muito simples e deixam-se levar por qualquer fala-barato", diziam. "E depois, se formos a ver bem, não há assim tanta gente com a certeza de que a Gertrudes era aleijada. A maior parte dos que a conheciam antes da cura não estão dispostos a pôr as mãos no lume pela invalidez da criança. Dizem que se lembram de a ver

coxear, mas não se lembram se andava de calças ou de saias. O mais certo é a mãe ter-lhe vestido sempre calças para ninguém dar pela tramóia. Os únicos que persistem em afirmar que a Gertrudes era aleijada e que dizem ter visto a perna deficiente são a gente que se dá com os Lagartos e da mesma igualha".

Nas aldeias vizinhas e na sede do concelho os contrerrâneos de Joaquim começaram a ser interpelados a propósito do pastor que fazia milagres. A curiosidade era acompanhada de troça por acreditarem ainda em patranhas. Mas onde é que já vai o tempo dos milagres, diziam. Na próxima vez deviam antes levar os doentes ao médico, que esse sim, esse é que os podia curar. Os contrerrâneos de Joaquim respondiam que mesmo lá na aldeia só poucas pessoas, os mais atrasados, é que acreditavam no milagre da filha do Lagarto.

Joaquim tornou-se causa de discórdia na aldeia. A maior parte dos habitantes achava que era um intrujão a quem se devia proibir que continuasse a enganar os mais simples. Outros, em muito menor número, acreditavam em Joaquim e no milagre operado na filha do José e da Olívia Lagarto. Quando Joaquim ia pelos campos e pela aldeia falando a todos de Deus, muitos chamavam-lhe mentiroso, intrujão e lambão e voltavam-lhe as costas, mas outros abriam os seus ouvidos e os seus corações à palavra de Deus.

8

O padre Moita mandou chamar novamente Joaquim. De semblante carregado e com uma certa solenidade ofereceu a Joaquim uma cadeira em frente à sua secretária:

– "Joaquim ainda te lembras da última vez que aqui estivestes?"

– "Sim, senhor padre. Foi há mês e meio".

- "Dei-te um catecismo para leres e estudares".
 - "Já o li".
 - "Depreendo que compreendeste tudo pois nunca me vieste perguntar nada".
 - "Sim, compreendi tudo".
 - "Muito bem, muito bem. Gostaria de te colocar algumas perguntas para o verificar. Deixemos isso, porém, para outra vez. Chamei-te cá hoje por outra razão. Tenho aqui uma carta do senhor bispo a perguntar-me o que se passa aqui na paróquia. Chegaram-lhe rumores de que teria tido lugar aqui uma aparição e de que já teria havido milagres. Ordenou-me que lhe fizesse um relatório exacto da situação. Visto seres a pessoa mais indicada, queres tu dizer-me o que é que se passa?"
 - "Disse-o da última vez ao senhor padre. Deus foi ter comigo às Limpas no primeiro Domingo de Agosto e mandou-me dizer a toda a gente aquilo que ando a dizer. Todos tem que se converter quanto antes porque Deus já está farto e não vai esperar mais tempo".
 - "Efectivamente disseste-me isso da última vez e ainda mais, que Deus fez de ti o seu último profeta".
 - "Sim, Deus também me disse isso".
 - "E tu acreditas?"
 - "Ele disse-o e eu acredito".
- Fazendo esforços para se conter o sacerdote levantou-se, foi até à janela onde se quedou algum tempo e voltou a sentar-se.
- "E é também verdade que curaste a filha do José Lagarto?"
 - "Não fui eu quem a curou, foi Deus".
 - "Sim, claro. Mas curou-a porque lho pediste".
 - "Não, eu não pedi a Deus para a curar. Eu só disse que

se eles acreditassem, Deus curar-lhes-ia a filha. E o José Lagarto acreditou e Deus curou-lhe a filha. É tudo".

– "Joaquim também sabes que a maior parte das pessoas da aldeia não acreditam no milagre. Dizem que é uma tramóia e que o caso devia ser entregue à Guarda Republicana".

– "Isso é lá com eles. Vêem que Deus mudou a minha vida e não acreditam, vêem que a Gertrudes tem agora duas pernas sãs e não acreditam. E por mais que vejam não acreditam. Deus é que é bom, por mim não lhes dava mais nenhuma oportunidade".

– "Tens razão, Joaquim. Deus é bom. E por isso mesmo temos de nos perguntar se foi realmente Deus que te apareceu. A misericórdia de Deus é infinita e a sua paciência é de pai. Como é que então pode Deus dizer que já está farto dos homens, seus filhos? Não te parece uma contradição? E achas que Deus se pode contradizer?"

– "Acho que não. Mas se Deus disse que está farto, é porque está mesmo".

– "Ora aí é que está a questão. Vê se me entendes. Deus porque é Deus não pode estar farto. Farto quer dizer cheio, saturado. Deus que é imenso e infinito não pode ficar farto nem estar farto, senão não era Deus".

Joaquim nada respondeu. Então o sacerdote continuou com voz pausada e pensativa:

– "Acho que aqui anda a mão do demónio e por isso devemos ter muito cuidado. O maligno não perde nenhuma oportunidade para dividir o rebanho do Senhor e é isso que está a acontecer na nossa paróquia. Há os que acreditam no milagre e há os que não acreditam. Agora não importa se houve ou não um acontecimento extraordinário, o que importa é o que isso pode originar no seio da Igreja. Estás a compreender? Daí a preocupação do senhor bispo".

– "Não foi o diabo que me apareceu. Foi Deus".

– "Essa é a tua opinião. Não vamos discutir mais isso. O que eu quero agora é pedir-te o seguinte: Como não podemos afastar a hipótese de que aqui anda a mão do demónio, vamos aguardar que Deus nos mostre claramente a sua vontade. Durante este tempo deixas de falar às pessoas sobre a aparição de Deus e tudo o que está relacionado com ela. O melhor seria deixares a aldeia por uns tempos. Se quiseres podes ir para o Colégio de Santa Rita e ajudas lá na quinta. Já falei com o director, o padre Marques, e ele disse-me que sim. Entretanto rezaremos para que Deus nos ilumine. Que te parece? Aceitas?"

– "Não, senhor. Deus mandou-me avisar as pessoas sem perda de tempo e eu tenho de falar".

O padre Moita olhou decidido para Joaquim e com voz dura disse-lhe:

– "Tu assim o queres Joaquim. Aviso-te, porém, de que no relatório ao senhor bispo o informarei da tua presunção e obstinação. Com certeza irá adoptar as medidas que entender e que se impõem. Por meu lado cumprirei a minha missão. Tenho de avisar os fiéis para se acautelarem dos falsos profetas. É tudo, Joaquim. Não tenho mais nada para te dizer. Podes ir".

Joaquim levantou-se e deixou o sacerdote.

9

O Inverno chegou e com ele a chuva e o frio. A animosidade na aldeia contra Joaquim tornou-se grande e os contrerrâneos passaram a evitá-lo. Joaquim levantava-se cedo e saía para o campo para ajudar na lavoura e avisar da iminência da justiça divina. Os campos estavam, porém, desertos e

Joaquim só encontrava aqueles que apressados, com receio da chuva, iam às hortas buscar couves. Se Joaquim os interpelava, diziam-lhe que agora não podia ser pois estavam com pressa. Começou a ir procurá-los a casa, mas eles batiam-lhe com a porta na cara e ameaçavam-no de que se não os deixasse em paz fariam queixa à Guarda. E se isso não bastasse então teriam de dar-lhe um correctivo para ter boas maneiras e não levar vida de malandro.

Joaquim parou de procurar as pessoas, saiu de casa de sua mãe e foi para a serra, para a sua antiga choça de pastor. Atormentado pelas dúvidas que assaltavam o espírito e com o coração angustiado bradou a Deus:

– Aqui estou abandonado e sem saber que fazer. Acusam-me de lançar a vergonha sobre a aldeia e fogem de mim como se fosse um salteador. Tudo o que faço e tudo o que digo se volta contra mim e não há ninguém que dê ouvidos a uma só palavra da minha boca. Hei-de falar aos mortos no cemitério ou às raposas na serra? Se tu que és Deus sabes tudo, então porque me arrancaste da minha vida simples de pastor para fazer de mim uma voz no deserto? Porque se voltaram todos contra mim? Não sou mais que eles e se me condenam alguma razão hão-de ter. Dizem que não sirvo a Deus e que sou um porta-voz do diabo. Se não foste tu, oh Deus que estás lá no alto, que foste ter comigo às Limpas e à Tapada Vermelha e me falaste então também és o culpado porque permitiste que usassem o teu santo nome para me enganar. Dá-te a conhecer e não permitas que o diabo semeie a confusão. Diz-me o que devo fazer porque me encontro às escuras.

De noite um anjo do Senhor surgiu a Joaquim em sonhos e disse-lhe:

– Joaquim, o Deus Altíssimo que nas Limpas te escolheu para seu servo e profeta envia-me para te falar. Faz como Ele te

disse. Vai por todos os caminhos a dizer a toda a gente que a hora está a chegar em que Deus fará justiça. Não é por não te ouvirem que deixarás de falar. Na hora da justiça e do castigo não haverá desculpas. Para quem não fores meio de salvação, serás causa de condenação. Vai para o norte, para a Terra Fria e avisa-os da ira de Deus.

10

Sem se despedir da mãe e sem olhar para trás, Joaquim fez como o anjo lhe mandara. De sacola ao ombro e cajado de pastor na mão pôs-se a caminho. Quando chegou a Penamacor era dia de feira. Havia muitos negociantes de Belmonte, da Covilhã e do Fundão, e até alguns das zonas da Guarda e de Viseu. Era um dia soalheiro e muita gente das aldeias do concelho tinham vindo à feira.

Joaquim subiu para as escadas do Convento de Santo António, frente ao largo da feira, e começou a falar. Logo gente que já tinha ouvido falar dele se pôs à sua volta à escuta. Outros que passavam e não o conheciam perguntavam quem era e os primeiros respondiam-lhes que era Joaquim, o pastor, ou o santo da Idanha.

– "Julgais que o dinheiro tudo compra e a quem tem dinheiro nada falta. Estais enganados. O dinheiro não compra aquilo que mais precisais e nem o maior rico do mundo com toda a sua fortuna pode comprar a mais pequenina parte da única coisa que vos faz falta. Essa coisa é a vossa salvação. Mas como vos esquecestes do que é a salvação eu quero dizer-vos o que ela não é. Ela não é a saúde, nem o dinheiro, nem o prazer. Ela não é uma vida longa nem uma vida cheia. Ela não é um bom nome nem a fama. Ela não é uma obra feita nem uma grande herança. Ela não é o estudo nem a sabedoria. Ela

não é o elogio nem o respeito. Ela não é a paz nem a amizade. Ela não é nada deste mundo. Mas eu também quero dizer-vos o que ela é: a vossa salvação é a misericórdia de Deus.

Foi Deus que vos criou e é a Ele que tendes de dar contas. Mas apesar de todo o vosso dinheiro, do vosso ouro e das vossas propriedades, todos estais empenhados até à ponta dos cabelos. Como quereis prestar contas a Deus? Dizeis para convosco: não matamos nem roubamos, vamos à missa ao Domingo e não queremos mal a ninguém, estamos a bem com Deus, Ele há-de dar-nos o céu. Não, Deus não vos vai dar o céu. Está farto de vós e vai lançar-vos no inferno. Admirais-vos por Ele estar farto de vós? Estais tão convencidos de vós mesmos que até julgais que Deus está satisfeito. Mas Deus está zangado convosco. Quereis saber porquê? Porque vos esquecestes d'Ele e fizestes do Deus vivo um Deus morto. Viveis como se Ele não existisse. Ides à missa e vindes de lá dizer que desta vez o padre falou bem ou falou mal, que este e aquele traziam roupas novas. Ides à comunhão e a seguir é como se não tivésseis ido. Ides à igreja como quem vai por flores na campa de um morto. Lembrais-vos de Deus como quem se lembra de um avô morto há muitos anos. Passais sem Deus, mas eu digo-vos: Deus vai passar sem vós.

No Credo dizeis que Ele há-de vir julgar os vivos e os mortos. Só que a dizer isto sois piores que os papagaios pois não acreditais na primeira parte, de que Ele é também juiz dos vivos. Atirastes com Deus para o reino dos mortos. Pensais que Deus só julga os mortos e de que enquanto viverdes não é chegada a hora de contas. Mas Deus vem agora julgar os vivos. Foi Ele quem mo disse quando eu guardava gado. Está farto e não vai esperar mais tempo. Ficai sabendo que a justiça de Deus é terrível e a sua ira feroz. Reduzir-vos-á à cinza e ao pó de que sois feitos e condenar-vos-á para toda a eternidade.

Estou aqui a avisar-vos. Não digais depois que ninguém vos avisou. Este é o último aviso que Deus vos faz pois é Ele quem me manda avisar-vos.

Arrependei-vos e pedi perdão e Ele terá misericórdia de vós. Pedi-Lhe que vos salve e terá compaixão de vós. Aproveitai este momento que outro não vos será dado. É agora que estais a tempo, é esta a oportunidade. Amanhã será tarde".

Um homem do lugar dos Foios que conhecia Joaquim gritou do fundo da multidão:

– "Oh Fusco, desde o Verão que andas a anunciar o fim do mundo para amanhã e afinal ainda cá andamos".

Joaquim respondeu-lhe:

– "Porque confundes a misericórdia de Deus com a contagem que tu fazes dos dias? Pois fica sabendo que o teu momento chegou".

Nesse instante o homem que falara caiu morto por terra. Um grande terror se apoderou da multidão e muitos pediram perdão a Deus dos seus pecados. Outros fugiram dali como quem foge da peste. Os feirantes desmontaram as tendas, meteram as mercadorias nos carros e partiram.

A notícia espalhou-se pelas redondezas e todos os que ouviam estas coisas perguntavam-se quem era Joaquim.

11

No dia seguinte caminhava Joaquim pela estrada de Penamacor para o Sabugal quando um carro parou à sua beira. O condutor perguntou-lhe se queria boleia. Ameaçava chuva e Joaquim nem um guarda-chuva levava consigo. Joaquim aceitou a oferta.

O condutor era um negociante de carnes. Trabalhava muito e a vida corria-lhe bem. Era do Sabugal e tinha três

filhas, duas a estudar em Coimbra. Perguntou a Joaquim o que fazia:

– "Ando a avisar as pessoas para se salvarem".

Desconfiado o negociante olhou para Joaquim.

– "Passa-se alguma coisa?"

– "Sim, passa-se muita coisa mas ninguém tem olhos para ver".

– "Oh homem, fale claro. Não estou a entendê-lo", disse o negociante a Joaquim.

– "Chegou o momento de Deus fazer justiça e ando a avisar toda a gente".

– "Então você é que é o santo da Idanha".

– "Só Deus é santo. O meu nome é Joaquim".

Depois de olhar várias vezes para Joaquim, o comerciante disse-lhe:

– "Em Penamacor não se fala noutra coisa senão no morto de ontem. Vão fazer-lhe hoje a autópsia".

– "A casa é assaltada quanto menos se espera", disse Joaquim.

Sem o entender o negociante continuou:

– "Dizem que era um homem na flor da vida e com filhos ainda pequenos".

– "Deus é o Senhor da vida e da morte. Ele a dá e Ele a volta a tirar", respondeu Joaquim.

Entretanto tinham chegado ao Rosendo e Joaquim pediu ao negociante para o deixar ali. Mas este, alterado, disse a Joaquim que tinham de conversar. Parou o carro, desligou o motor e voltando-se para Joaquim perguntou-lhe violentamente:

– "Então você acha bem que um homem morra na flor da vida e deixe filhos pequenos?"

– "Tudo o que Deus faz é bem feito", respondeu Joaquim.

– "Pois eu acho que é mal feito", gritou o negociante fora de si. Então agora um homem que nunca fez mal na vida há-de morrer só porque não acredita num borra-botas como você? Ainda lhe digo mais. Não sei se você é santo ou meio-santo, nem me interessa saber, mas se vir Deus então diga-lhe da minha parte que é um crime o que Ele fez. E você agora ponha-se fora do carro, onde nunca devia ter entrado, antes que lhe parta a cara".

Mal Joaquim tinha saído do carro, ainda não fechara a porta, quando o negociante ligou o motor, acelerou a fundo e com enorme ruído deixou Joaquim para trás envolto no fumo do escape.

Começou a chover e Joaquim entrou no café. Havia lá dois homens que tinham estado na feira de Penamacor e reconheceram Joaquim. Em voz baixa informaram os outros e todos puseram os olhos nele. Um dos que ali estavam perguntou a Joaquim:

– "Vossemecê é o Joaquim da Idanha?"

– "Sim, sou eu", respondeu.

Ao ouvirem isto encheram-se de medo e alguns levantaram-se para se irem embora. Joaquim pediu-lhes que ficassem pois tinha algo de muito importante para lhes dizer. Não fizeram porém caso das suas palavras e saíram dali com medo que lhes acontecesse o mesmo que ao homem dos Foios. Além do dono do café ficaram mais seis homens. Joaquim disse-lhes:

"Porque ontem morreu um homem têm medo que hoje lhes aconteça o mesmo. Esquecem-se de que ninguém foge à vontade de Deus. Quando chegar a sua hora Deus irá buscá-los onde quer que estejam. Arrepender-se-ão então de terem fugido hoje. Mas o arrependimento virá tarde e de nada lhes servirá.

Um homem morreu e em vez de abrirem os olhos e

compreenderem o aviso de Deus escandalizam-se como se Deus tivesse feito uma injustiça. Esquecem-se de que não é Deus que anda atrás da justiça mas a justiça atrás de Deus. Tudo o que Deus faz é justo e só é justo o que Ele faz. Mas é a soberba de coração que os leva a ver tudo às avessas.

Deus é o senhor do mundo e tudo o que acontece é porque Ele assim o quer. Será Deus injusto porque este morre com vinte, aquele com trinta e o outro com oitenta? Não foi Ele que a todos deu a vida? A vida só a Ele pertence e tem todo o direito de a tirar quando quiser. Porém, os homens contestam Deus e arrogam-se direitos. Querem mesmo ditar as leis por que Deus se há-de reger. Só que Deus não precisa de leis para nada porque só Ele é a sua lei. Assim eles são loucos convencidos a caminho do abismo.

O que tenho para vos dizer é o que Deus me manda dizer-vos. Ele está farto de tanto orgulho e loucura. A sua paciência chegou ao fim. Ou vos arrependeis e vos converteis ou será o vosso fim. Estou aqui para vos fazer o último aviso de Deus".

Ao ouvirem isto os homens que tinham ficado no café encherem-se de espanto por um pastor lhes falar com tamanha autoridade. Acreditaram em Joaquim e perguntaram-lhe o que deviam fazer. Joaquim disse-lhes:

– "Tendes os mandamentos de Deus, cumpri-os. É isso que Deus quer que façais, é só isso que tendes de fazer".

Mas com o correr dos anos tinham-se esquecido dos mandamentos de Deus. Então Joaquim ensinou-lhos:

– "O primeiro mandamento é adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas, o segundo é não invocar o santo nome de Deus em vão, o terceiro, santificar os dias do Senhor, o quarto, honrar pai e mãe, o quinto, não matar, o sexto, guardar castidade nos actos e nas palavras, o sétimo, não roubar, o

oitavo, não dizer mal do próximo, o nono, guardar castidade nos pensamentos e nos desejos, o décimo, não cobiçar as coisas alheias".

Ao ouvirem a Joaquim os mandamentos da lei de Deus os homens que estavam no café lembraram-se de os ter aprendido quando crianças na catequese.

– "Já os sabíamos, só que não nos lembrávamos deles".

– "Não basta sabê-los", disse Joaquim, É preciso pô-los em prática".

– "Isso já nós o fazemos", disseram-lhe. "Não matamos nem roubamos e vamos à missa ao Domingo".

– "Enganais-vos", disse-lhes Joaquim. "Não matais nem roubais porque essa é a lei do Estado e vós tendes medo da guarda. E ides à missa ao Domingo porque é tradição e estais habituados. Não é assim que cumpris os mandamentos de Deus. Para cumpri-los tendes primeiro de cumprir o primeiro: Adorar a Deus. Mas como haveis de adorar a Deus se vos esquecesteis d'Ele?"

Pediram-lhe então que lhes dissesse como haviam de adorar a Deus.

– "Adorar a Deus é amar, louvar, bendizer, obedecer e servir a Deus como único senhor do mundo. Adora a Deus quem tudo faz porque Deus assim o quer e tudo evita porque Deus o não quer, quem se entrega totalmente nas suas mãos e orienta a sua vida unicamente pelos mandamentos de Deus, quem só confia em Deus e não põe a sua confiança nos homens nem nas obras feitas pelas mãos dos homens. Para adorar Deus não se podem adorar outras coisas. A adoração a Deus não tem meios termos. Ou se adora ou não se adora. Não é possível adorar a Deus e adorar o dinheiro. Quem adora Deus não pode adorar a mulher, os filhos, a saúde, a riqueza, o bem estar, a honra, a glória. Quem adora Deus não pode pôr a sua confiança

nem em si, nem nos outros, nem na riqueza, nem nos bancos, nem nos seguros, mas sempre e só em Deus".

Tocados no fundo dos seus corações pelas palavras de Joaquim os homens disseram:

– "É tão simples e tão difícil adorar a Deus".

Um dos homens, chamado Joaquim Rosa, disse a Joaquim:

– "Tenho 57 anos e desde que me lembro sempre trabalhei. Guardei gado, fui ganhão, estive na tropa, trabalhei nas obras, fui para a França e agora aqui ando tratando das minhas propriedades à espera que me dêem a reforma da França. Dizia sempre para comigo que era para acautelar o futuro e para que nada faltasse aos meus filhos. Tinha dois filhos. Um morreu de acidente o ano passado e o outro não faz caso nem da mãe nem de mim. A vida assim não tem sentido. Vou fazer como tu dizes. Deus tenha pena de mim".

O dono do café que se tinha sentado ao lado dos outros a escutar Joaquim disse:

– "Também vou começar vida nova. Hoje foi o último dia em que ganhava a vida à custa das bebedeiras dos outros. Vou fechar o café. Deus me dirá o que hei-de fazer".

Os outros homens estavam cheios dos mesmos propósitos e prometiam iniciar vida nova. Estavam assim a falar entre si sobre Deus e sobre o modo de o adorar quando se ouviram vozes à entrada do café. Tinha anoitecido e as mulheres dos homens que tinham ficado no café vinham chamá-los para jantar pois que tardavam. Não se atreviam, porém, a entrar com medo de Joaquim. Mandando-as entrar e aos que estavam com elas, Joaquim disse-lhes:

– "Deus revela a sua misericórdia aos que Ele quiser. Alegrai-vos também vós porque hoje a palavra de Deus foi ouvida. Os homens que aqui vedes não são os vossos homens

que vistes há algumas horas. Estes são homens novos nascidos do Espírito. Deus mandou-me avisá-los, eles acreditaram e ouviram o aviso. Arrependeram-se dos seus pecados e transformaram-se. Fazei vós o mesmo. Não deixeis passar a última oportunidade de salvação. Não queirais sujeitar-vos à ira de Deus. Convertei-vos, portanto, agora que ainda é tempo e Deus terá também piedade de vós".

As mulheres e todos os que estavam com elas ficaram muito admirados com estas palavras de Joaquim e perguntavam qual o seu significado. Então os homens tranquilizaram-nas e acompanhando-as a casa contaram-lhes como Deus pela boca de Joaquim lhes fizera chegar a salvação.

Um homem chamado Guilherme pediu a Joaquim que passasse a noite na sua casa. Era viúvo e os filhos viviam em Lisboa. Depois de jantarem e darem graças, a luz eléctrica falhou e ficaram às escuras. Logo um clarão muito grande encheu a casa e o Espírito do Senhor penetrou nos seus corações. Lançando-se de joelhos ergueram a voz a Deus:

– "Senhor nós te louvamos pela tua imensa força e sabedoria. Tudo o que existe te pertence e tudo obedece à tua vontade. As nossas vidas estão nas tuas mãos e tudo o que nos acontece é porque assim o queres. O mal transformas em bem e a injustiça em justiça. Porque permites que os homens te esqueçam e vivam como se não existisses? Porque os deixas viver na loucura entregues a todos os vícios? Faz cair sobre eles a força do teu braço porque não é a nós que dão ouvidos. Se não abrires os seus corações de pedra serão escusadas todas as nossas palavras. Dá-nos força para os avisarmos como nos mandastes e mostra com os teus prodígios a verdade do que lhes dizemos em teu nome".

Joaquim e Guilherme passaram toda a noite em oração mergulhados na luz do Espírito de Deus.

Ao outro dia os sete homens e muitos familiares foram ter com o pároco para se confessar e participar na missa. Era dia de semana e habitualmente iam à missa meia dúzia de mulheres de idade avançada e dois ou três homens também já velhos. O padre ficou muito admirado com o grande número de pessoas de todas as idades que antes do início da missa pediam a absolvição dos pecados. Passavam várias horas da hora marcada quando a missa começou.

No fim da missa o padre quis saber a que se devia aquele milagre. Contaram-lhe então o encontro com Joaquim no café. O padre já tinha ouvido falar de Joaquim e no caso do morto de Penamacor e assim foi grande desconfiança que se lhe dirigiu. Interrogava-se a si mesmo se tudo não seria obra de uma seita com a intenção de minar a paróquia. Mas Joaquim lendo-lhe os pensamentos disse-lhe:

– "Deus serve-se de muitos meios para fazer chegar a todos a salvação. A uns penetra no coração como a água mole que fura a pedra, a outros atinge-os como um raio. Agora é a hora de decisão, de dizer sim ou dizer não à palavra de Deus. Não pode haver mais demoras. Deus mandou-me avisar toda a gente de que a sua paciência chegou ao fim e que ou os homens se arrependem e convertem ou então lançará sobre eles a sua cólera".

O sacerdote estremeceu ao ouvir estas palavras da boca de um pastor. Também ele esquecera a urgência da palavra de Deus e exercia o seu ministério ao sabor das conveniências do tempo. Porém, como não queria dar a parecer que acreditava na missão de Joaquim, disse alto de modo que todos os que ali estavam o ouvissem:

– "Os frutos serão a prova se a árvore é boa ou má".

Para alegria de muitos Joaquim ficou algum tempo no Rosendo, hospedado na casa de Guilherme. O número dos que se arrependiam dos pecados e começavam vida nova aumentava de dia para dia e Joaquim a todos dava alento. Os que andavam a mal faziam as pazes, irmãos que se odiavam de morte por causa da herança cediam a sua parte, os que tinham dinheiro no banco levantavam-no e ajudavam os que precisavam e todos faziam uma grande família unida.

A igreja do Rosendo até ali quase sempre vazia encheu-se de vida. De manhã à noite homens e mulheres, crianças e velhos vinham, oravam, meditavam e cantavam. Uns ficavam poucos minutos, outros meia-hora, uma hora e até mais. Os que sabiam ler, os mais novos, liam a Bíblia aos mais velhos que não sabiam ler. De repente o padre Roque, o pároco, não tinha mãos a medir. A todos atormentava a fome de Deus e não cessavam de clamar por alimento. O padre Roque rezava com eles, ensinava-lhes a doutrina, confessava-os e visitava-os nas casas e nos campos.

Mas nem todos andavam satisfeitos com a mudança de vida na aldeia. Murmuravam que já antes de Joaquim ter chegado tinham a sua religião, iam à missa e festejavam os santos. Tinha sido sempre assim e não compreendiam que tantos quisessem agora proceder de outra maneira. Criticavam Joaquim por vir com ideias novas perturbar a paz em que sempre tinham vivido.

Uma manhã a mulher do dono do café foi falar com Joaquim.

– "Há uma semana que o café está fechado. Como nem eu nem os meus filhos nos governamos com palavras bonitas, venho pedir-te o dinheiro que o meu homem não ganhou esta semana. Foi por tua culpa que ele deixou de trabalhar".

– "Como te hei-de dar dinheiro se não tenho nenhum?" perguntou-lhe Joaquim.

– "Isso não me importa. Tanto se me dá que o roubes como que o peças emprestado. O que eu quero é o dinheiro que perdemos por tua culpa".

– "Em vez de te alegrares com a conversão do teu homem e de lhe seguires o exemplo, só pensas no dinheiro que ficou esta semana nos bolsos dos outros. De que te vale a ti e aos teus filhos o dinheiro que o teu homem compra com a alma? Mais vale que passeis fome do que ele se perca para todo o sempre".

Ao ouvir isto a mulher perdeu a cabeça e começou a injuriar Joaquim e a chorar de raiva.

– "Trabalhámos como galegos dia e noite para juntar alguma coisa, estivemos meia dúzia de anos na França sofrendo privações, tudo por causa dos filhos, para lhes darmos uma vida melhor. E tu vens agora dizer-me para os deixar morrer à fome? Sabes o que é o amor de uma mãe? Desviaste-me o homem, fizestes dele um mandrião como tu e agora dizes-me para deixar morrer os filhos à fome. O que precisavas era uma valente carga de porrada. Fosse eu homem e havias de ver. Oxalá seja o teu castigo bem grande".

Joaquim respondeu-lhe:

– "Os teus filhos não são o teu Deus, mas tu só vives para eles. Tiras o que a Deus pertence para dares aos filhos e não vês que com isso te perdes a ti e a eles. É Deus que os guarda e alimenta e aí de ti se Ele desviar os seus olhos deles. Porque não agradeces a graça de te os ter dado em vez de pensares no dinheiro com que lhes compras coisas inúteis? O que os teus filhos verdadeiramente precisam é que aprendam contigo e com o teu homem a amarem e a respeitarem a Deus. Tudo o resto não presta".

A mulher não quis ouvir mais Joaquim e foi-se dali rogando-lhe pragas.

Formou-se então na aldeia um grupo contra a presença de Joaquim. Atribuíam-lhe as culpas das divisões entre famílias e do estado de guerra que se instalara na aldeia entre os que viam em Joaquim um profeta e os que o tinham por charlatão. Queriam que ele partisse. Mas quando foram ter com ele e lhe pediram que deixasse a aldeia, Joaquim respondeu-lhes que ainda não tinha chegado a altura de prosseguir caminho e que por isso ainda ficava algum tempo. Vendo que não demoviam Joaquim e não se atrevendo a usarem de violência com medo dos que acreditavam nele os chefes do grupo dirigiram-se ao padre Roque. Disseram-lhe que como pároco era função dele zelar pela verdadeira doutrina e não permitir as intrujices de um falso profeta. Aliás não compreendiam como é que esperava tanto tempo para intervir. Achavam que era altura de por fim à actividade de Joaquim que só levava à discórdia entre os habitantes da aldeia e à ruína de muitas vidas.

O padre Roque que os conhecia todos de há muitos anos disse-lhes:

– "Muito me agrada que sintais a preocupação da ortodoxia. Ficai descansados que estarei sempre vigilante para que ninguém cometa atropelos às verdades da fé. Até hoje, porém, nunca ouvi dizer a Joaquim nem aos que o acompanham nada que vá contra o que a Santa Igreja nos ensina. Também eu levantei dúvidas quando chegou e apareceram as primeiras pessoas para se confessar. Não se ficaram pelas palavras, mas mudaram verdadeiramente de vida. A igreja, tantos anos vazia, encheu-se de vida e hoje confessa-se e comunga mais gente num dia que antes num mês ou dois. Eu sei que não gostais do que se está a passar e que vos tendes por bons cristãos. Vindes sempre à missa ao Domingo e pagais

a cônica, ao contrário de muitos que agora começaram a vir à igreja. Todavia digo-vos: são melhores cristãos que vós pois que acabaram por ouvir a palavra de Deus e põem-na em prática, ao passo que vós continuais a ouvi-la sem vos decidirdes a fazer dela o rumo dos vossos passos".

Escandalizaram-se com o que o padre Roque lhes dizia e levantaram protestos, mas o padre Roque, interrompendo-os, disse-lhes mais:

– "Joaquim é uma bênção que Deus nos envia para nos acordar do nosso torpor. Há quase quarenta anos que sou padre e só agora compreendi a urgência da palavra do Senhor. Confundimos a indolência dos nossos corações com a bondade divina. Pois que não me ouvistes durante tantos anos, ouvi agora Joaquim. Não percais mais esta oportunidade para vos converterdes".

Os chefes do grupo saíram então da casa paroquial furiosos e dizendo: "Que vergonha, até o padre se converteu à seita deles." Nessa noite reuniram com todos os elementos do grupo para decidirem o que haviam de fazer. Alguns alvitaram que se devia mandar uma carta ao bispo, outros que era preciso dar uma sova a Joaquim e outros sugeriram ainda que o melhor seria deixarem de ir à missa do padre Roque e ir à missa da Candra. Depois de muito discutirem, decidiram por fim boicotar a missa do padre Roque e deixar de pagar a cônica e, se isso não resultasse, adoptar então medidas mais drásticas.

No Domingo seguinte os que eram contra Joaquim e queriam que ele se fosse embora encheram meia dúzia de carros e dois tractores e foram ouvir missa à aldeia vizinha. No fim da missa foram fazer queixa do padre Roque ao pároco da Candra. O padre Tomás, o pároco da Candra, que já algum tempo vinha seguindo com desconfiança o que se estava a passar no Rosendo, mas devido à idade do padre Roque ainda

nada dissera, achou que era altura de ir falar com o seu colega. Sabia que também alguns dos seus paroquianos iam ouvir Joaquim e receava que a influência deste se alargasse à Candra. Durante a tarde foi ao Rosendo.

– "Padre Roque, hoje foram mais de 80 pessoas daqui do Rosendo à missa da Candra."

– "Eu sei Tomás. Mas a igreja aqui não esteve fazendo. Os que nunca vinham vêm agora e os que vinham vão à Candra. É caso para darmos graças a Deus por tanta gente cumprir o preceito dominical. Se vêm à minha missa ou se vão à tua, isso não importa".

O padre Tomás era mais novo que o padre Roaqué. Tinha estudado na universidade e agora dava aulas de Português no Colégio de Santa Rita. Não compreendia como o padre Roque podia tolerar a acção de Joaquim.

– "Aterrorizar as pessoas com o fim do mundo não é a melhor maneira de levá-las à prática religiosa. Os fins não justificam os meios".

– "Não digo que não precise de umas lições de pastoral, Tomás. Sabes mais que eu e podes ensinar-me. Mas quais são os meios para levar as pessoas a Deus? Sou pároco aqui há mais de quarenta anos e de ano para ano as pessoas afastam-se cada vez mais da igreja. De certeza que na Candra se passa o mesmo. Deitamos as culpas ao secularismo e ao materialismo da vida e continuamos como dantes a ministrar os sacramentos aos poucos que restam".

– "Padre Roque, mas isso é falta de fé", disse escandalizado o padre Tomás.

– "Sim, Tomás, é falta de fé em nós, mas não é falta de fé em Deus. Julgamos que com melhores métodos e com mais cursos disto e daquilo fazemos melhores cristãos. Mas não é verdade. Apesar de todos os nossos esforços as pessoas

afastam-se. Chegou a hora de Deus intervir, de ser Ele a pegar nas coisas e é isso que está aqui a acontecer".

– "Não me diga que também acredita que Deus apareceu a Joaquim?"

– "E porque não havia de aparecer? Nada O impede de aparecer a quem, onde e quando quiser. Como explicas o "milagre" das conversões que se tem operado aqui? Por mim peço a Deus que me abra os olhos para ver as obras das suas mãos".

– "Mas isso é fruto do medo. Joaquim apresenta Deus como um tirano e com isso explora o medo das pessoas. E ao acreditarem que ele é o ultimo dos profetas julgam que o fim do mundo é para amanhã. Não compreendo como é que o padre Roque não vê nisto tudo uma má formação religiosa acompanhada de influências de seitas americanas".

– "Acredito no fim do mundo e na vinda do Senhor. É isso que nos diz a nossa fê. Ora devo dizer-te, Tomás, que o que vejo e ouço na televisão e na rádio são sinais de que o Senhor não tardará muito mais tempo. Tem de haver alguns que serão os últimos e porque não havemos de ser nós?"

– "Quantas e quantas vezes não se predisse o fim do mundo para amanhã ou para os tempos mais próximos".

– "Eu sei. O problema é que devido a isso nos convencemos de que não haverá um termo. Como até agora todos os anúncios falharam, julgamos que o próximo também falhará. Mas aquele que será realmente o último virá na sequência de muitos outros".

O padre Tomás decidiu passar a argumentar com factos:

– "Telefonei ao padre da terra de Joaquim, ao padre Moita para me informar sobre Joaquim. A sua opinião é de que há que agir com firmeza contra Joaquim e não permitir que continue a induzir mais gente em erro. Trata-se de um

indivíduo orgulhoso e obstinado que não aceitará nunca a autoridade da Igreja".

– "Queres certificar-te humanamente dos prodígios que Deus opera. Não esqueças, porém, que até a queixada de um burro pode servir aos desígnios de Deus. Não me preocupa a vida que Joaquim levou. O que vejo é que muita gente, impelida por ele, aqui na aldeia procura a salvação. As pessoas pedem-me que as confesse e as ensine e reze com elas. Hei-de negar-lhes a absolvição que me pedem com compunção? Como poderia fazê-lo se os baptizei e casei sem exigir deles nada além do mínimo que é canonicamente exigível? Pelo contrário, dou graças a Deus por me permitir depois de tantos anos de padre realizar o meu sacerdócio".

– "Padre Roque", disse o padre Tomás, finalizando a conversa entre os dois, "considero muito grave o que se está a passar no Rosendo e lamento deveras que sinta a necessidade de se entregar a devaneios escatológicos. Comunico-lhe que considero meu dever dar conhecimento de tal facto aos nossos superiores".

Antes de regressar a casa o padre Tomás decidiu ir falar com Joaquim. Uma mulher que passava informou-o de que Joaquim andava pelos campos e que só à noite voltava à casa de Guilherme, onde vivia. O padre Tomás saiu da aldeia na esperança de o encontrar. Porém foi só à noite, na casa de Guilherme, que o viu. Guilherme convidou o sacerdote a jantar com eles, mas este não aceitou. Disse que apenas desejava falar com Joaquim. Queria saber antes de mais como é que Deus tinha aparecido a Joaquim e quais exactamente as palavras que dissera. Joaquim contou-lhe tudo o que se tinha passado nas Limpas e na Tapada Vermelha. Depois de ter ouvido o relato de Joaquim, o padre Tomás perguntou-lhe se alguma vez antes da aparição de Deus tinha lido a Bíblia. Joaquim disse-lhe que

não. Perguntou-lhe depois se já lera alguns livros religiosos ou se falara com as testemunhas de Jeová. Joaquim respondeu-lhe novamente que não.

– "E sabe o Credo?" continuou a perguntar-lhe.

– "Sim, sei", respondeu Joaquim. "Aprendi-o no catecismo que o padre Moita me emprestou".

– "Quer dizer que não o sabia antes do Verão?"

– "Não, não sabia. Já o tinha ouvido na missa. Mas não o sabia de cor. Agora sei-o de cor".

O padre Tomás ficou alguns momentos a olhar Joaquim em silêncio. Depois disse-lhe:

– "Não sei se você é um simples ou um lobo coberto com pele de cordeiro. Mas uma coisa posso assegurar-lhe: Deus não tem nada a ver com este assunto. A imagem que apresenta de Deus é nitidamente influenciada pela concepção de Deus do Antigo Testamento. A par disso notam-se em todo o seu discurso outros elementos reformistas, como por exemplo a extrema fraqueza humana e a daí decorrente exclusividade da intervenção divina na salvação. Tudo isto são sinais muito claros das seitas protestantes. Como tem muita dificuldade em penetrar no nosso meio rural, servem-se da credibilidade do povo relativamente a aparições para assim abrirem uma brecha na sua fé tradicional. A fonte está bem identificada, a questão é saber se você anda enganado, um simples de quem os cabecilhas se servem, ou se está também na origem desta história do fim do mundo para amanhã".

Vendo que Joaquim não respondia à acusação o padre Tomás continuou:

– "Deus não precisa de aterrorizar ninguém nem tão pouco de espantar cabras. A concepção de Deus como tirano irado, disposto a exercer a sua cólera, faz parte das ideias primitivas da divindade. Sem dúvida que Deus é exigente, mas

é-o corresponsabilizando os homens no seu plano de salvação. Quero eu dizer com isto que a dignidade humana é um elemento indispensável na edificação do Reino de Deus aqui na terra. Não tem, portanto, qualquer sentido falar do fim do mundo. É deste mundo que se há-de fazer a Nova Terra e nós somos os construtores desse Nova Jerusalém. Como está a ver a História da Salvação é muito diferente daquela que anda por aí a apregoar. O Deus do chicote acabou e os homens não são escravos. O Deus cruel e vingativo morreu em Jesus Cristo, não existe mais.

Por fim quero-lhe dizer-lhe que o que anda a fazer não serve de modo algum os propósitos de Igreja. Pelo contrário, anda apenas a estorvar o trabalho evangelizador e responsável daqueles que durante muitos anos deram o melhor do seu trabalho e da sua vida para estudar a palavra de Deus".

Joaquim disse ao sacerdote:

– "Porque duvidas do que em nome de Deus te digo e te comprazes nas tuas próprias palavras, ficarás mudo, sem poder falar".

O padre Tomás quis logo responder a Joaquim, mas da sua boca não saiu som algum.

13

A notícia de que Joaquim pusera mudo o pároco da Candra foi recebida por aqueles que no fundo dos seus corações aguardavam a acção de Deus como testemunho da verdade do que Joaquim dizia. A maior parte, porém, viu nisso a prova de que Joaquim estava possesso do demónio. – "Onde é que já se viu um santo de desgraças, em vez de milagres?" diziam. "Primeiro pede a morte para um homem que nunca fez mal a ninguém e agora cala um padre. Com certeza que o diabo

se enfiou nele". Sobretudo os habitantes da Candra viraram-se contra Joaquim. Deitavam-lhe as culpas de se verem privados de padre e de os alunos do Colégio de Santa Rita ficarem sem aulas de Português. – "Só um inimigo de Deus é que pode estar interessado em que uma povoação inteira fique sem padre para dizer missa, pregar e confessar. Deixou cair a máscara e agora sabemos bem quem ele é. Mas as coisa não vão ficar assim. Ainda ninguém brincou com a gente da Candra". Decidiram então empregar a violência contra Joaquim. Duas dezenas de homens saíram de noite, munidos de caçadeiras e varapaus, para o Rosendo afim de ajustarem contas com Joaquim. Mas o anjo de Deus apareceu em sonhos a Joaquim e disse-lhe: – "Levanta-te imediatamente pois se aproximam homens da Candra dispostos a tirarem-te a vida. Sai do Rosendo e continua a avisar toda a gente de que em breve o Senhor virá julgar os vivos e os mortos". Joaquim despediu-se de Guilherme e saiu do Rosendo em direcção à serra da Malcata. Quando os homens do Rosendo chegaram e viram que Joaquim tinha fugido bateram em Guilherme e incendiaram-lhe a casa.

14

Com receio de que os homens da Candra o procurassem pelas terras vizinhas Joaquim ficou duas semanas na serra da Malcata fazendo companhia aos lobos e aos javalis. Um dia ao cair da noite encontrou um homem que bebia de bruços água de um ribeiro. Quando este ao ouvir os passos de Joaquim se levantou de repente e se preparava para fugir, Joaquim reconheceu o negociante de carne do Sabugal que o tinha levado de carro até ao Rosendo. Chamou-o e deu-se-lhe a conhecer. O negociante de carnes trazia uma barba de dias, a roupa em desalinho e tinha os olhos raiados de sangue

denotando noites sem dormir. Ao ver que era Joaquim quem o tinha surpreendido, deixou cair o pequeno saco de viagem em que pegara para fugir. À noite, sentados frente a uma fogueira, o negociante de carnes contou a Joaquim como a GNR andava atrás dele para o prender. Pertencia a uma sociedade que comprava gado em Espanha para vender em Portugal. Tudo corria muito bem quando alguém os denunciou à justiça. Muitos dos seus sócios já estavam na prisão, acusados de contrabando, e também ele andava a ser procurado. – "De um momento para o outro fiquei com a vida estragada", disse o negociante a Joaquim. "O negócio acabou-se, o que juntei vai para as multas e para o processo e estou condenado a levar com alguns anos de cadeia". – "E agora?" perguntou-lhe Joaquim. – "Agora?! Talvez vá para a França. Tenho lá gente conhecida". Ao dizer isto o negociante parou e só depois de algum tempo continuou: – "Mas com 56 anos de idade, que hei-de eu fazer lá? E sem a mulher e as filhas não sei se vale a pena. A vida está estragada". – "Mais importante do que tudo isso é a tua salvação. O que perdeste não é nada comparado com aquilo que ainda podes vir a perder". – "O que havia para perder está perdido. O que mais me preocupa são as minhas filhas. Por elas vendia a última camisa. E dizer que agora as cobri de vergonha e vão ficar sem nada". – "Falas de ti, das tuas filhas e do que tinhas e esqueces-te de Deus. Fica sabendo que é a Deus que tens de dar contas. Isso é muito mais importante que o resto". – "Será, será. Só que as minhas filhas ficam sem ninguém que olhe por elas". – "És um louco que só pensa nesta vida. Puseste nela toda a confiança, refastelaste-te na riqueza e agora que se reduziu a pó tudo o que construístes ao longo dos anos, perdes a cabeça. Pois eu digo-te, devias dar graças a Deus por isso te ter acontecido. Queres melhor ocasião para te arrependeres, converteres e começares vida nova? Não tenhas medo do que

os homens te podem fazer. Estando Deus contigo sentirás nova força para recomeçar". – "Bom seria que fosse assim como dizes. Mas não sou capaz. Não sou pessoa para aguentar nem um mês na cadeia. A vergonha de ser preso matava-me". – "Não é em ti que deves confiar, mas em Deus. Ele é forte, poderoso e sábio e tu deves pôr a vida nas suas mãos. É isso que tens de fazer. Tens de ter fé em Deus, de que Ele é o Senhor e de que tu lhe pertences". Joaquim contou-lhe como Deus também o arrancara da vida que levava afim de começar vida nova. Conversaram então os dois até que o cansaço os obrigou a deitarem-se e dormirem. Ao outro dia de manhã, quando Joaquim acordou não viu o negociante. Porém, como o saco de viagem continuava ali julgou que devia estar perto e foi procurá-lo. Não muito longe do local em que tinham passado a noite encontrou-o enforcado numa árvore. – "Desgraçado que puseste todas a esperança nas coisas deste mundo e desesperaste da misericórdia divina. Fugiste à justiça dos homens e tens agora pela frente a justiça de Deus que é muito mais severa e à qual não podes fugir. Que são a vergonha e o castigo humanos comparados com a sentença tremenda do senhor do universo? Uma vida inteira na prisão e a maior das vergonhas são menos pesadas que a mais pequena das penas que te esperam. Aí tens ao que levam a sabedoria e a soberba do mundo. A condenação e a morte são o seu destino". Joaquim desceu o cadáver da árvore e enterrou-o ali. Depois deixou a serra e dirigiu-se para as terras a norte do Sabugal compreendidas pelo triângulo Sabugal, Guarda e Vilar-Formoso.

Quando Joaquim chegou às terras do Côa já o seu nome

era ali conhecido. Corriam histórias sobre si, a maior parte inventadas. Uns diziam que tinha curado muita gente e outros que só trazia desgraças. Uns julgavam que ele era um padre renegado, outros que era um bispo de uma seita protestante. Mas todos queriam conhecê-lo e desejavam ouvi-lo. A curiosidade atraía muito gente logo que Joaquim chegava a uma aldeia. De boca em boca a notícia da sua chegada corria célere como o vento e muitos deixavam os afazeres no campo para o verem e ouvirem. No seu íntimo esperavam assistir a um milagre ou a qualquer coisa extraordinária. Toda a vida tinham ouvido falar de milagres de outras épocas ou de outras partes do mundo e agora não queriam perder a oportunidade de assistir a um milagre ao vivo. Joaquim dizia-lhes: – "De que estais à espera? De um santo milagreiro ou de um ilusionista? Mas eu não trago milagres na sacola nem sei truques de magia. Quereis entretenimento, mas o entretenimento acabou. Os dias da ira estão próximos, a cólera de Deus está mesmo a chegar, o momento em que o fogo se apoderará do mundo não tarda. Serão dias terríveis esses em que Deus virá julgar o mundo. As calamidades não terão conta e por todo o lado ouvir-se-ão choros e gemidos. Clamarão por auxílio e pedirão clemência, mas será tarde demais e não serão atendidos. O tempo da diversão e do esquecimento acabou. O gozo chegou ao fim. Deus está farto do vosso egoísmo e não vai permitir que continueis a viver entregues ao prazer. Ele apareceu-me como uma coluna de fogo quando guardava o rebanho e ordenou-me que fizesse o seu último aviso. Ou vos arrependeis e mudais de vida ou então é o fim. Estou aqui a avisar-vos. Esta é a última oportunidade de salvação. Não sois surdos e ouvís o que vos digo. Se sairdes daqui e continuardes como dantes, esquecidos de Deus e à espera de folia, a vossa condenação será terrível. Mais valia que tivésseis ficado nas hortas e em casa a fazer o

que estáveis a fazer do que ter vindo a satisfazer a vossa curiosidade. Mas se vos arrependerdes então abençoareis a hora em que viestes aqui". Muitos dos que ouviam Joaquim convertiam-se nos seus corações e saíam dali à procura de um padre para se confessar. Mudavam de vida e honravam a Deus com o que faziam. De manhã à noite Joaquim ia às freguesias e anexas, subia a serras e descia a vales, atravessava ribeiras e percorria caminhos, para a todos avisar da justiça de Deus. Falava nas praças e nos adros das igrejas a grupos e multidões. Batia às portas das casas e interpelava os que encontrava pelo caminho. A todos dizia: "Salvai-vos que ainda é tempo". Acolhiam-no com carinho e pediam-lhe que se sentasse com eles à mesa e partilhasse as refeições. Não queriam que Joaquim dormisse ao relento ou em palheiros. Por todo o lado aumentava o número daqueles que acreditavam em Joaquim e viam nele um homem de Deus. Os padres daquelas terras eram agora solicitados a toda a hora e momento. Alguns deixaram de dar aulas nos colégios para poderem atender os que os procuravam. Uma onda de fé passou pelos lares, pelos outeiros, pelas azinhagas e pelos prados renovando corações e transformando a face das coisas. O Espírito de Deus encheu os ares e a sua paz desceu sobre os campos e as colheitas. Os que ainda duvidavam perdiam as dúvidas, os que hesitavam decidiam-se, os fracos tornavam-se fortes, os ricos libertavam-se das riquezas, os famintos eram saciados, os que choravam eram consolados e os pobres eram cumulados de bens. A graça do Senhor congregava famílias e populações e em tudo reinava a concórdia e a harmonia. Joaquim rejubilava e agradecia a Deus do fundo da sua alma os dons que desciam abundantemente sobre a região. – "Mesmo na hora da tua ira, oh Deus, não esqueces a benevolência para aqueles que são obra das tuas mãos. A tua misericórdia não tem fim e estás

sempre pronto a perdoar. És lento na ira e muito pronto no perdão. Quem são os homens para que te lembres deles e que são as suas vidas para te preocupares com elas? Tudo é fruto unicamente da tua vontade e só a ti pertence o louvor e a glória. Bendito sejas Senhor aqui e em todo o lado, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém".

16

Por essa altura aconteceu que um emigrante e a família vieram da França para baptizarem um filho na aldeia. Prepararam uma grande festa e convidaram Joaquim. Havia muitas qualidades de comida e de bebida sobre as mesas e estavam presentes mais de 40 pessoas. Como Joaquim se encontrava no meio deles acanhavam-se em se servir e comer. Falavam a meia-voz e não se atreviam a dar vazão à sua alegria. Joaquim notou que não se sentiam à vontade e disse-lhes. – "A comida está tão boa e vós não comeis?! É mal empregada deitá-la aos porcos. Comei e bebei com gosto pois a ocasião é de festa. Alegrai-vos que há razão de sobra para isso. Deixai que o vinho vos alegre e as comidas vos consolem. Tudo está bom e temos de lhe fazer as honras". Joaquim deu-lhes o exemplo comendo e bebendo com gosto. Todos então se sentiram à vontade e durante horas ficaram sentados à mesa num ambiente de festa. Diziam "parece uma boda". Cantavam e riam e a boa disposição era geral. No fim dançaram ao som do acordeão. Os que passavam na rua, à porta da casa dos emigrantes, e viam tanta animação escandalizavam-se e diziam: – "E Joaquim está no meio deles. Anda a pregar o fim do mundo para amanhã e que temos de fazer penitência, mas aqui come e bebe como um glutão. É sempre assim, bem prega frei Tomás, faz como ele diz e não faças o que ele faz".

Joaquim chamava-os e dizia-lhes: – "Porque tendes almas tão pequenas e invejosas? Hoje uma criança nasceu pela segunda vez ao receber a graça de Deus. Não é isto um grande motivo para haver alegria? Ficai sabendo que não honrais Deus de coração triste e pesado. Ele é Deus dos vivos e não dos mortos e não gosta de caras murchas. Alegrai-vos também em vez de criticardes com azedume os que estão alegres. É preciso que Deus vos encontre de caras alegres quando Ele chegar. Pois que confiança tendes em Deus se andais tristes e acabrunhados? O dia em que o Senhor vier para julgar os vivos e os mortos será dia de ira, mas só para os que viram e não acreditaram, para os que ouviram e fecharam a alma à palavra de Deus. Para os que creram, para aqueles que puseram toda a sua confiança em Deus esse dia será de grande júbilo pois entrarão na glória de Deus. Alegrai-vos, portanto, com a fé que vos salva. Se hoje se come e bebe e dança é porque uma criança foi introduzida nos caminhos da fé e da graça". Era assim que Joaquim aproveitava todas as ocasiões para fortalecer a fé dos que o escutavam e se abriam ao anúncio da palavra de Deus.

17

Morava no Dopínzio uma bruxa muito conhecida. Gente de todos os lados do país, de Lisboa e do Porto, vinha consultá-la por causa de doenças, de problemas e do futuro. Não havia dia nenhum em que não estivessem carros de fora parados em frente à sua porta. Sobre tudo nos fins de semana apareciam dezenas de pessoas no Dopínzio a procurarem na bruxa solução para os seus problemas. Chamava-se a bruxa Adelaide Proença e tinha 66 anos. Ouvindo Joaquim falar das curas que a bruxa operava decidiu ir ao Dopínzio para a ver. Os amigos de

Joaquim procuravam dissuadi-lo de tal propósito com medo que a bruxa se zangasse e lhe deitasse o mal olhado. Mas Joaquim, forte na fé, apaziguou-os: – "Que mal me pode fazer a bruxa se Deus está comigo? Só Ele é o Senhor e só a Ele devemos temer. A bruxa é uma mulher de quem o diabo se serve para perder os que procuram nele a salvação. Os que vão à bruxa também são culpados pois desconfiam de Deus e põem a sua esperança em Satanás". Quando Joaquim chegou ao Dopínzio e perguntou onde vivia a bruxa reconheceram-no e não lhe queriam dizer onde ela morava. Com efeito, muitos dos habitantes faziam negócio com a gente de fora que vinha ver a bruxa e receavam que Joaquim lhes estragasse o negócio matando a bruxa. Mesmo sem indicações Joaquim deu com a casa de Adelaide Proença. Três carros estavam estacionados frente à casa. Subia Joaquim as escadas do balcão quando a porta se abriu e saiu uma mulher com roupas de cidade amparada a um homem. Joaquim perguntou-lhes: – "Que viestes aqui fazer?" Como Joaquim lhes fizera a pergunta com muita autoridade não lhe negaram a resposta: – "Há mais de três anos que a minha mulher tem uma doença nervosa. Andou nos médicos, fomos aos melhores especialistas, e nenhum conseguiu curá-la. Gastámos uma fortuna para nada. Depois disso fomos a Fátima e ao Sameiro, fizemos as maiores promessas a todos os santos, mas nada conseguimos. Agora viemos aqui à sra Dona Adelaide. Pessoas conhecidas falaram-nos dela em Lisboa e viemos consultá-la. É a nossa última esperança". – "Desgraçados que pondeis a vossa esperança em Satanás. Como não há-de Deus estar farto de vós, se até a Satanás recorreis? não sabeis com que preço comprais o seu auxílio? Vendeis a alma para que venha ajuda donde vier, seja ela do diabo. O castigo de Deus será tremendo para vós que dele desesperrastes e vos entregastes de corpo e alma nas mãos

de Satanás". Ao ouvir as recriminações de Joaquim a mulher caiu ao chão chorando e soltando altos brados. Com lágrimas e lamentos pediu perdão do seu pecado. Joaquim teve pena dela e levantando os olhos ao céu pediu a sua cura. Depois, virando-se para os dois, disse-lhes: – "Grande tem sido a vossa aflição. Mas muito maior é poder e a misericórdia de Deus." Depois ordenou à mulher: "Levanta-te que estás curada". A mulher levantou-se sozinha e o homem começou a gritar: "Milagre, milagre". Mas Joaquim mandou-o calar e acompanhar a mulher ao carro. Entretanto, a bruxa e os que estavam com ela dentro de casa tinham vindo à porta e à janela, atraídos pelas vozes, e assistido ao que se passara. Juntara-se também muito povo ali na rua e todos seguiam os actos de Joaquim. A bruxa disse então a Joaquim: – "Porque te vens meter comigo que não me meto contigo? Ajudas as pessoas à tua maneira e eu ajudo-as à minha. Há muitos males no mundo e não falta trabalho nem a ti nem a mim. Vai tu à tua vida que eu vou à minha". E dizendo isto ia entrar e fechar a porta, mas Joaquim disse-lhe: – "Fica onde estás e ouve-me. Quem és tu para dividir o que não se pode dividir como se Deus te dispensasse uma parte do que Ele criou? Aqui não há partilhas, uma parte para Deus e uma parte para o diabo. Deus tudo criou e tudo a ele pertence. Porque andas então a dar cabo da sua obra? Hoje foi o último dia do teu pacto com Satanás. De agora em diante não dirás coisa com coisa para que todos saibam que só há um senhor e Deus." A partir desse momento a bruxa do Dopínzio dizia coisas sem nexos e os que ainda a vinham ver não entendiam o que ela dizia. Os que presenciaram tudo isto davam glória a Deus e contavam aos outros o que tinham visto e ouvido.

Um dia vieram dizer a Joaquim que a gente do Casal Freixoso tinha deixado de trabalhar, porque, diziam eles, não valia a pena agora que o fim do mundo estava mesmo para chegar. Não mandavam mais os filhos à escola e ao colégio e tinham levantado todo o dinheiro do banco para comprarem conservas e outros alimentos afim de não passarem privações nos dias em que o mundo seria pasto das chamas. Joaquim chamou um carro de aluguer e partiu para o Casal Freixoso que distava trinta quilómetros. Quando lá chegou, era a meio da manhã, homens e mulheres, novos e velhos, estavam na rua gozando o primeiro sol da primavera. As mulheres conversavam, os homens bebiam vinho e jogavam às cartas e as crianças brincavam. Logo que viram Joaquim rodearam-no e cumprimentaram-no cheios de alegria. Mas Joaquim, muito zangado, perguntou-lhes: – "Que estais aqui a fazer, hoje que é dia de semana?" – "Estamos à espera que Deus venha pôr fim ao mundo. Não nos disseste que Ele não ia esperar mais tempo, que estava farto e a sua paciência tinha acabado? Para que havemos então de semear se não vai haver ninguém para colher e para que hão-de ir os nossos filhos à escola se já não vai haver exames e não precisarão de procurar emprego? Não sabemos porque te zangas, pois acreditámos em ti e só por isso não fomos trabalhar". – "Saístes-me uns grandes soberbos e mandriões", ralhcou-lhes Joaquim. "Com que então quereis ser vós agora a decidir quando é o fim do mundo? Sim, porque com a vossa conduta quereis obrigar Deus a não demorar-se muito, de contrário, morrereis de fome. Não sois vós que dtais a Deus quando Ele há-de vir julgar os vivos e os mortos. Ele virá quando muito bem entender. Não traceis pois planos como haveis de fazer e proceder nos dias da cólera divina porque os planos saem-vos furados e só servirão para vos queimardes mais. Deus virá quando menos o esperardes, como um ladrão

para vos apanhar desprevenidos. Mesmo que Ele venha amanhã é vossa obrigação ir plantar hoje as pereiras e macieiras que darão fruto daqui a anos. O que Deus quer é que vivais com coração recto todos os dias na sua presença e confiantes na sua misericórdia. Mas vós duvidastes da sua misericórdia e procedestes como oportunistas. O vosso pecado é muito grave. Arrependei-vos e emendai-vos para que Deus se compadeça e vos perdoe. Voltai para os afazeres de todos os dias com coração novo e trabalhai o dobro para castigo da vossa preguiça e para glória de Deus. Os habitantes do Casal Freixoso envergonharam-se e arrependeram-se do que tinham feito e com Joaquim à cabeça dirigiram-se à igreja para pedir perdão. Depois cada um foi para o seu trabalho afim de louvar a Deus em simplicidade e com confiança. Deixando-os Joaquim foi ter com o homem do carro de aluguer que estava à sua espera. Joaquim disse-lhe: -Não trago dinheiro comigo. Se achares bem pago-te com a força do meu trabalho. O homem do carro de aluguer achou bem e ao outro dia Joaquim foi semear batatas para ele.

19

Levado pelo Espírito de Deus, Joaquim subiu no Domingo de Ramos à cidade da Guarda para assistir às cerimónias da Semana Santa na Sé-Catedral. No Domingo fez sol, mas na segunda-feira o céu ficou cinzento e começou a cair uma chuva fria batida a vento. Joaquim preparou-se para acompanhar a paixão e morte do Filho de Deus. Toda a semana alimentou-se a pão e água e na sexta-feira fez jejum absoluto. Levantava-se cedo e ia para a Sé aguardando que o sacristão abrisse as portas. Lá dentro o frio que o vento gélido da Serra da Estrela soprava pela cidade redobrava entre as naves

graníticas e silenciosas. Joaquim sentava-se junto à cruz e olhava o corpo maltratado e sem vida do Filho que Deus enviara ao mundo para salvar os homens. Durante horas quedava-se imóvel na contemplação da dor e da vergonha da cabeça coroada de espinhos, do coração aberto pela lança e dos membros pregados à madeira. Sentia pena com aquele homem que mais não fizera do que dizer aos outros homens que a salvação não está neste mundo. Enviado por Deus, morrera como um cordeiro inocente às mãos dos carrascos. Viera anunciar a justiça de Deus e sofrera a injustiça dos homens. Ele, o único que não pecara, carregara com a culpa de todos os outros. Dócil aceitara a cruz que lhe puseram em cima dos ombros. Sempre obediente entregara-se à morte cruel na cruz. Joaquim olhava para o corpo inanimado do único que cumprira até ao último suspiro a vontade de Deus. O abandono do Filho de Deus enchia-o de medo. A vontade de Deus era como a noite escura de um oceano sem fim. Deus exigia tudo, só aceitava a entrega total. Era o mesmo que penetrar no mar de breu e perder toda a segurança da terra, da navegação à vista, de quaisquer faróis numa noite sem estrelas. Mas mais do que isso Deus ainda exigia o fim, a morte, a perda de todo o regresso à segurança conhecida. Sinal terrível de Deus aquele do mais santo de todos os homens morto pregado numa cruz. O mais inocente era castigado pelas culpas de todos. Testemunho horrível da injustiça dos homens aquele da condenação e morte na cruz do Filho de Deus enviado para os salvar. A soberba cometia o crime imorredoiro de condenar quem trazia a salvação. Como fora possível que Deus, o Onnipotente, deixasse morrer assim o Filho, só e abandonado à morte cruel na cruz? O apego de Deus ao mundo, à obra das suas mãos, era maior que o sacrifício do Filho. Senhor cioso do que é seu, Deus dava o melhor que tinha para não perder o mínimo do que

lhe pertencia. Que terrível não havia de ser a sua ira contra os que lhe disputavam o mundo que criara e por quem sacrificara o Filho muito amado! Joaquim prostrava-se e tremia frente à cruz, sinal de salvação e causa de condenação. Na noite de quinta-feira santa Joaquim sentiu na alma e no corpo as angústias e as dores da paixão do Filho de Deus. Ligado a este mundo, nascido da carne e sujeito à fome e ao frio, era ele o escolhido para pregar a conversão. Deus fazia dele o seu profeta, mas não o tirava do mundo. Uma doença, um acidente, uma arma pôr-lhe-iam fim à vida. Sentia-se como um verme pronto a ser esmagado. Deus ordenava-lhe porém, que se levantasse e falasse. Aonde chegaria a sua voz? As aldeias em que estivera ainda se contavam pelos dedos das mãos, e se alguns lhe tinham dado ouvidos, a maior parte não queria saber de profecias para nada, e muitos viam nele um louco ou um lobo vestido de cordeiro. E mesmo que todos o escutassem e acreditassem nele, não seriam senão uma parte insignificante relativamente a todos os outros que nunca o poderiam ouvir. Que sentido tinha contar uma a uma as areias das praias ou pescar à cana todos os peixes do mar? Porque queria Deus o seu sacrifício inútil se podia sem o menor esforço chamar todos os homens à sua santa Presença e revelar-se como o Senhor Deus Omnipotente? Também Deus o não ouvia. O silêncio dos céus juntava-se ao peso do mundo que carregava sobre os seus ombros. Um estado febril apoderou-se de Joaquim. Um fogo abrasador consumia-lhe os membros e tinha a boca mais seca que o barro. As trevas do mundo envolviam-no e em vão pedia a luz de Deus. Curvado pelo sofrimento e esmagado pela dor gemia e chorava. As dores desfiguravam-no e todo o corpo era um suplício que o aproximava da morte. As três horas da tarde de sexta-feira santa Joaquim ouviu o brado agonizante de Filho de Deus na cruz. Os astros não saíram das órbitas, a terra não

se fendeu, o sol não perdeu o seu fulgor, as aves não caíram do céu, os rios não deixaram de correr e também os homens não pararam na azáfama quotidiana. No entanto, quanto mais fácil não teria sido o colapso cósmico que o último suspiro do Deus-homem na cruz. O mundo perdia o seu Deus e continuava a girar como se nada tivesse acontecido. Mas Joaquim viu, no meio das dores e do sofrimento, que o mundo perdera a alma e se assemelhava a um cadáver ambulante sem origem e sem destino. A morte que triunfara no Gólgota reinava sobre o universo. Onde a salvação? Onde a esperança? Não mais havia um objectivo para a caminhada ou uma meta para a corrida. Que engano terrível o do movimento que não leva a lugar algum! Tudo parecia como dantes e, no entanto, tudo era diferente. Vãos os esforços, vão o sofrimento, vão os trabalhos, as lágrimas e os suspiros, vão o amor tornado estéril, vã a amizade feita desilusão. A morte entranhara-se em todo o lado e a vida tornara-se um simulacro. Como não sucumbir ao desespero agora que nada tinha sentido? Joaquim bebeu o fel da paixão até ao limite da morte. À sua frente abria-se o abismo da perdição e julgou-se condenado. Exausto, pronto a cair, murmurou: – "Meu Deus". Deus ouviu-o. Os sinos da Sé e de todas as igrejas da cidade ecoaram pela noite a anunciar a boa-nova: ressuscitou. Era sábado da aleluia, domingo da ressurreição. O abismo tinha sido atravessado e a morte vencida. Deus era senhor dos abismos e da morte, os infernos também seu domínio e Satanás seu servo. A Páscoa encheu Joaquim de alegria dando-lhe novo alento. Deus refazia de uma forma mais perfeita o universo que tão perfeitamente criara. Criador e Salvador, todos os seres lhe pertenciam duas vezes. Participante de tão maravilhosa redenção, Joaquim gritou: – "A ti Senhor, meu Deus, honra, glória e poder pelos séculos sem fim. Amém".

A seguir à Páscoa, Joaquim começou a percorrer as terras a ocidente da Guarda. Fortalecido na fé, dizia a todos os que o escutavam que era necessário acreditar: "Hoje em dia só acreditais no que vedes e tocais. Tendes-vos por espertos e dizeis: já não vamos no conto do vigário, nem acreditamos na carochinha. Vedes televisão e ouvis rádio e julgais que os vossos olhos e ouvidos chegam a todo o lado. E se alguém vos conta o que nunca vistes nem ouvistes, exigis provas. A todo o momento quereis ver fotografias e ouvir testemunhas. Fizestes-vos juízes do mundo, do que é e do que não é. Mas como Deus não se vê nem se ouve, deixais de acreditar n'Ele. Quereis provas de que Ele existe e como não as recebeis desculpais-vos da vossa descrença. Tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis. Quanto mais abirdes os olhos pare verdes menos vereis e quanto mais abirdes os ouvidos menos ouvireis. O mal está no vosso coração que é ruim e vos cega. Pusestes-vos no lugar do juiz e Deus no lugar do réu. E pedis-Lhe provas como se fosse seu dever prestar-vo-las. Mas Deus não vos dá as provas que pedis. Ele não tem que satisfazer as guloseimas dos vossos olhos sempre à cata de novidades. As provas de Deus não são iguais às dos homens. Para as verdes tendes de vos converter. Elas estão diante dos vossos olhos desde todo o sempre, vós mesmos e tudo o que existe sois provas da existência de Deus e da sua justiça, mas vós não as vedes. Deus não vos falta com sinais da sua bondade e misericórdia, mas vós quereis outros sinais. Mas não é Deus que tem de mudar de sinais, sois vós que tendes de mudar de coração para ver os seus sinais. Transformai-vos e vereis o que nenhuma televisão vos poderá mostrar: a glória de Deus nas suas obras. O vosso

pecado está em reduzir tudo à pequenez do vosso coração. Limitais o mundo com a vossa ignorância e entronizais-vos a vós mesmos nesse mundo pequeno onde Deus na sua imensidão nunca poderá caber. Deus está farto da estreiteza da vossa alma que deforma a obra das suas mãos. Criou o mundo com glória e sabedoria para seu louvor e vós fizestes dele um reino à vossa medida. Todas as criaturas cantam a glória do criador, mas vós não as ouvis, preocupados que estais em pô-las ao vosso serviço. A paciência de Deus chegou ao fim. Convertei-vos enquanto é tempo. De contrário, o Senhor virá destruir o pequeno mundo em que vos instalastes". Ao ouvir estas palavras a Joaquim um homem disse-lhe: – "Mas olha que são os padres que dão cabo da fé. Tivemos aqui um na aldeia que só queria dinheiro e cachopas. Logo que veio para cá aumentou para o dobro o preço das missas, dos baptizados, casamentos e enterros. Dizia a missa em quinze minutos. O pior eram as histórias com as raparigas. Até que engravidou a filha do António Barroca. Demos-lhe uma tal sova que nunca mais tornou a pôr os pés na aldeia. E tu ainda queres que andemos atrás dessa gente?" Joaquim respondeu-lhe: – "Como não acreditais, tudo vos serve de desculpa para não acreditardes. Desculpas que nada valem aos olhos de Deus. A perdição do padre não é desculpa da vossa perdição. Porque fazeis do Deus Onnipotente, senhor da vida e da morte, o Deus do padre? Não é Deus também o vosso Deus? Quem por causa dos pecados do padre deixa de acreditar em Deus peca muito mais que o padre. Quereis porventura ditar a Deus os seus servidores? Muito enganados estais se julgais que eu sou um santo. Apesar dos meus pecados Deus tirou-me da vida de pastor para vos avisar. Será culpa de Deus se eu não cumprir o que Ele me mandou? Nunca. Deus é santo e eu pecador. Mas Deus serve-se dos pecadores para confundir os justos". Ao

longo de várias semanas Joaquim foi de aldeia em aldeia nos concelhos de Celorico, Gouveia, Seia e Oliveira. Depois dirigiu-se para Coimbra para também ali dar a conhecer o último aviso de Deus.

21

Ao entrar na cidade uma mulher perguntou-lhe: – "És tu o Joaquim da Idanha?" – "Sim. Sou eu", respondeu-lhe Joaquim. – "Venho da parte da Sra D. Ofélia Ramires. Esta noite sonhou que chegavas hoje a Coimbra. Mandou-me de manhã para aqui à tua espera, depois de me dizer como tu eras e o que trazias vestido. Pede-te que venhas comigo à sua casa". A mulher conduziu Joaquim a uma casa senhorial. Lá dentro, numa grande sala mobilada com móveis antigos, esperava-o a dona da casa. Quando Joaquim entrou na sala, a velha senhora levantou-se com dificuldade do cadeirão e ainda com maior dificuldade ajoelhou-se frente a Joaquim. Pediu-lhe desculpa de não ter ido ela esperá-lo. Mas havia mais de cinco anos que não saía de casa por falta de forças. Joaquim ajudou-a levantar-se e a sentar-se novamente. – "Louvado seja Deus que ouviu as minhas preces. Dia e noite tenho pedido a salvação. O mundo não quer saber de Deus e cada vez mais caminha para o abismo. Não saio de casa, mas vejo e ouço a marcha que leva ao inferno. Mais uma vez Deus teve piedade de nós. Louvado seja". – "Esta é a última vez", disse-lhe Joaquim. – "É verdade. Mas o que importa é que o Senhor volta a falar-nos. Que podemos nós com as nossas forças? Nada. Deus, porém, pode tudo e é Ele que trouxe aqui o Joaquim. Ponhamos confiantes as nossas vidas nas suas mãos divinas". Joaquim ficou a residir na casa de D. Ofélia Ramires. Na cidade as pessoas mostraram-se menos dispostas a ouvi-lo. Corriam apressadas pelas ruas e

quando Joaquim as abordava, diziam-lhe que não queriam comprar nada ou que não davam esmolas. Joaquim intentou falar nos cafés, mas os empregados de mesa punham-no na rua. Diziam-lhe que fosse para a igreja se quisesse pregar. Batia às portas das casas, mas logo que Joaquim lhes falava de Deus diziam-lhe que não tinham tempo ou que já tinham a sua fé e lhes bastava o que sabiam de Deus. Só nas paragens dos autocarros conseguiu que lhe prestassem alguma atenção que, todavia, terminava logo que o autocarro chegava. Um dia de manhã foi á universidade falar aos estudantes e aos professores. Alguns deles já o tinham visto nas ruas da cidade. Formou-se um pequeno grupo à volta de Joaquim que foi aumentando à medida que falava. – "Deixastes de acreditar nos padres para acreditar na ciência. Gloriais-vos de não precisardes de Deus para explicar o mundo e o que nele se passa. Sentais-vos no trono de Deus e dizeis: "Somos nós que dominamos o mundo, que curamos doenças, que construímos barragens e pontes, que erguemos fábricas e que fazemos carros e aviões". Estais ofuscados com o poder que as ciências vos dão e pensais que com o seu progresso encontrareis remédio para todos os males. Quereis salvar-vos a vós próprios. Os pagãos adoravam bezerros de oiro e outros deuses falsos e grande era o seu pecado pois voltavam costas ao Deus verdadeiro. O vosso pecado, porém, é muito maior. Adorais-vos a vós mesmos que sois os mais falsos de todos os deuses. Os pagãos sabiam ao menos que a salvação não provinha deles. O seu pecado estava em porem a sua esperança em mãos erradas. Vós, porém, nem isso vedes. O orgulho que as ciências vos provocam é tão grande que julgais não precisar de auxílio. Afirmais que viveis melhor agora que não acreditais em Deus do que antes quando acreditáveis n'Ele. Estas faculdades são templos da ciência onde vos celebrais todos os dias. Aqui no ponto mais alto da

cidade erguestes a universidade como um altar à vossa sabedoria. Quereis que a homenagem que fazeis de vós mesmos e das vossas obras seja maior que a homenagem que os vossos antepassados prestaram a Deus. Mas o Deus que julgáveis morto está vivo. Foi Ele que me foi chamar à minha aldeia e me trouxe aqui a Coimbra para vos dizer que as ciências vos conduzem à perdição. A riqueza e o bem estar que elas vos trazem são a causa do vosso esquecimento de Deus. Convençeis-vos de que elas vos dão tudo o que precisais e que, por isso, não vos faz falta a salvação. Nisso está a vossa perdição, a causa da vossa condenação. Pensais que tudo está bem porque tendes tudo o que quereis e ambicionais. Deus está farto de tanta presunção. A sua paciência chegou ao fim. Não vai permitir que continueis inchados de orgulho, julgando que nada mais existe senão vós e os vossos caprichos. Ele criou os céus e a terra, todos os dias vos dá nova vida e pela vossa salvação entregou o próprio filho à morte. Como vos atreveis então a esquecer Deus? Não é Ele o criador do mundo, vosso Deus e Senhor? A sabedoria de que vos orgulhais não é senão a loucura que vos leva a ignorar as verdades que deveríeis trazer no coração e segundo as quais deveríeis viver. De que vos vale perscrutar os segredos do mundo se com isso vos afastais de Deus e vos condenais? A verdadeira sabedoria é o temor de Deus. Loucura é não reconhecer o seu poder, a sua imensidão e a sua onisciência, e não lhe dar o louvor que lhe é devido como Deus e Senhor. Ponde fim à insensatez que reina no vosso coração e na vossa mente. Fechai as escolas e as faculdades onde aprendeis a viver sem Deus. Não percais mais tempo com as ciências que se ocupam das obras criadas por Deus e ignoram quem as criou. Arrependei-vos da vida sem sentido que tendes levado e convertei-vos ao Deus sumamente santo. Nele está a vossa salvação. Confiais n'Ele e Ele vos

salvará. Se não ouvirdes o aviso que vos faço, se não mudardes de vida, Deus virá por fim à vida estéril que levais. Já vos disse que Ele está farto e que não vai esperar mais tempo. A sua ira é grande e ai de vós quando vos encontrardes no seu tribunal. Não tereis desculpas. A vossa condenação será terrível." Quando Joaquim acabou de falar havia mais de cem universitários, entre estudantes e professores, à sua volta. Uns perguntavam quem era Joaquim e a que seita pertencia, outros riam-se com a ousadia de um aldeão da Beira Baixa vir dizer à Universidade de Coimbra o que é a sabedoria, outros ainda que se consideravam crentes envergonhavam-se com o modo pouco apropriado como Joaquim ali falava de Deus. Estes últimos achavam contraproducente falar de Deus em público, fora das igrejas, e temiam que os colegas fizessem troça deles por acreditarem num Deus que mandava um pastor à universidade converter infiéis. Logo que as pessoas se afastaram e Joaquim ficou só, dois estudantes crentes foram falar com ele: – "Não vês que tornas ridícula a religião?" disseram-lhe. "Falar aos doutores não é o mesmo que falar aos lavradores lá na terra. Julgas que lhes metes medo com a ira de Deus? Com essa concepção ultrapassada de Deus ainda os afastas mais da religião. Nós procuramos fazer-lhes ver que é possível ser um homem do nosso tempo e acreditar em Deus e tu vens dizer-lhes que têm de fechar a universidade e abandonar a ciência se querem ser salvos." – "Para se abrirem à palavra de Deus tem de deitar fora tudo o que lhes ocupa o espírito", respondeu-lhes Joaquim. – "Mas porque queres tu pô-los entre a espada e a parede? Deus com certeza que não quer as pessoas sem fazer nada. Pelo contrário, quanto mais um cristão for cumpridor e consciente no seu trabalho tanto melhor dará testemunho da sua fé." – "Também vós quereis que a sabedoria de Deus seja como a sabedoria dos homens e que seja a opinião do mundo a

decidir como haveis de falar de Deus e de transmitir a fé. A sabedoria de Deus é loucura aos olhos dos homens, mas vós quereis conciliar o que inconciliável e fazer da sabedoria divina um produto humano, atraente e respeitável." – "Temos de falar a linguagem do nosso tempo e adaptar a mensagem divina ao mundo actual. Se assim não fizermos ninguém nos entenderá, assim como ninguém te entende." – "Será culpa de Deus que os homens não ouçam ou entendam o que lhes manda dizer? Deus não deixará de ser Deus para que os homens O aceitem. Foi Deus quem criou os homens e não os homens que fizeram Deus. Porque quereis então vós dar a conhecer Deus tal como os homens estão dispostos a conhecê-lo?" – "Porque essa é a única maneira de sermos ouvidos", responderam-lhe. – "Não é com isso que tendes de vos preocupar. Sede fiéis à palavra de Deus. Se o mundo vos tomar por loucos não será culpa vossa e muito menos culpa de Deus, mas só pela sua própria culpa e para sua condenação." Admirados com a força das palavras de Joaquim e com a autoridade com que lhes falava, os estudantes ficaram confundidos e deixaram-no. Joaquim desceu após isso à Sé Velha onde permaneceu todo o dia em oração. Nessa noite um professor que tinha ouvido Joaquim foi bater à porta da casa de D. Ofélia para falar com ele. Chamava-se Nicolau de Lemos e era professor da faculdade de medicina. – "Passava no largo da universidade quando te ouvi dizer hoje de manhã que o Deus que julgávamos morto está vivo. Desde então não consigo pensar noutra coisa. Se é verdade o que dizes a vida que levo não tem sentido." – "Deus vive", respondeu-lhe Joaquim. "E o mundo com todos os seres vivos está nas suas mãos." – "Porque permitiu então que o esquecêssemos e vivêssemos como se Ele não existisse?" – "Não há salvação sem conversão e todos nascemos no pecado. Será culpa de Deus que os homens se esqueçam dele? Criou-os livres à sua

imagem e semelhança, mas eles escolheram o mal e tornaram-se culpados. Pecaram e, por isso, fugiram de Deus. E tanto pecaram que se esqueceram d'Ele. Agora já não se dão conta do pecado em que vivem. Mas tudo isso acontece para que a glória de Deus se manifeste naqueles que se convertem e que Ele quer salvar." – "Mas porque criou os homens se eles se perdem? Não valia mais nunca existirem? Que sentido tem criar o que a seguir se condena?" – "Queres medir o que não tem medida e julgar Deus como quem julgas quem é igual a ti. Mesmo que todos os homens fossem condenados, Deus não deixaria de ser santo e justo. Quem são os homens e que é o seu destino para decidirem sobre a sabedoria do Deus criador?" – "É duro o que dizes." – "Mais duros serão os dias em que Deus virá julgar esta gente convencida de si mesma e refastelada na vida. Nesses dias não haverá misericórdia e por todo o lado ouvir-se-ão prantos e ranger de dentes." – "Diz-me: que hei-de eu fazer para me salvar?" – "Mata em ti tudo o que é velho e fruto da carne, despoja-te de todas as preocupações que te encham a alma, entrega-te totalmente nas mãos de Deus e Ele terá piedade de ti." Comovido profundamente no seu íntimo, o professor de medicina deixou Joaquim e regressou a sua casa. A graça de Deus desceu sobre ele e fez dele um homem novo. Ao outro dia de manhã postou-se frente à universidade, no mesmo local em que Joaquim falara no dia anterior, e começou a anunciar a necessidade da conversão. A notícia de que o Professor Nicolau de Lemos se convertera e se encontrava a falar de Deus correu veloz pelas faculdades e pela cidade. Muitos estudantes e professores e muita gente da cidade acorreram ao largo da universidade para o ouvir. A admiração foi geral pois conheciam-no como pessoa muito respeitada e incapaz de causar sensações. O que ali se passava era-lhes inexplicável e a confusão que tal acontecimento provocou na

universidade e na cidade de Coimbra foi grande. Oito dias após estes acontecimentos o anjo do Senhor apareceu a Joaquim e disse-lhe: – "O dia da ira do Senhor aproxima-se. Os tempos da desolação e as calamidades sem fim sobre este povo estão a chegar. Vai a Lisboa e faz o último aviso de Deus." Nesse mesmo dia Joaquim despediu-se de D. Ofélia Ramires e tomou o comboio para Lisboa.

22

Quando Joaquim chegou à Estação de Santa Apolónia eram cinco horas da tarde. A hora de ponta tinha começado. As pessoas na estação corriam, empurravam-se, comprimiam-se, procuravam ser as primeiras a sair e a entrar. Altifalantes anunciavam a partida e a chegada de comboios. Foi com muito custo que Joaquim conseguiu sair da estação. Cá fora o ruído e a vibração da cidade deixaram-no perplexo e desorientado. Por todo o lado viu bichas de pessoas à espera de autocarros, eléctricos e táxis. A quem falar? a quem se dirigir? para onde ir? Perguntou a uma mulher que vendia jornais como se ia para o centro da cidade. A mulher, atarefada a entregar os jornais e a arrecadar o dinheiro, respondeu-lhe: – "Para o Rossio? É o 9 e o 46." Joaquim não a entendeu. Voltou então a perguntar a um homem que passava qual a direcção para o centro da cidade. O homem olhou para Joaquim e vendo que era da província e que provavelmente queria ir a pé, disse-lhe para ir pela estrada fora até ao Terreiro do Paço. Joaquim fez como o homem lhe dissera. Seguiu pela estrada onde o trânsito automóvel era intenso. Quando chegou junto ao Terreiro do Paço uma multidão apinhava-se no passeio, aguardando o sinal verde para peões. Havia quem atravessasse a rua por entre os carros em andamento. Os condutores buzonavam e aceleravam.

Dentro e fora dos carros, em movimento ou à espera do sinal verde para avançar, as pessoas pareciam estar tomadas de uma grande impaciência. Joaquim atravessou o Terreiro do Paço e passou o arco da Rua Augusta. O frenesim da cidade aumentava à medida que se aproximava do centro. Por todo o lado corria gente apressada. No Rossio Joaquim foi submerso pela cidade. Carros e autocarros enchiam o Rossio. Do Chiado, da Rua Augusta, da Praça da Figueira milhares de pessoas confluíam para o Rossio. Entravam nos autocarros que saíam pela Rua do Ouro e pelos Restauradores. Uma grande parte entrava no Metropolitano pelas escadas em frente à Pastelaria Suíça. Joaquim colocou-se então junto ao corrimão da entrada do Metro de maneira a ficar de frente às pessoas que desciam. – "Parai. Parai que tenho um aviso de Deus para vos dar. O fim do mundo está para chegar. Deus vai lançar fogo sobre a cidade e será o fim de vós todos. Convertei-vos agora e Deus terá piedade de vós." As pessoas que desciam olhavam para Joaquim e os que subiam viravam a cabeça para cima a fim de o poderem ver. Alguns pararam e logo se gerou grande confusão nas escadas. De vários lados se levantaram vozes de protesto contra os que obstruíam a passagem. – "Deixem passar quem tem pressa. Quem quer ouvir sermões vá à missa." – "Mais outro maluco a pregar o fim do mundo. Isto agora é doença." – "Mas isto não pode ser. Agora já fazem comícios nas escadas do Metro. Deixem passar quem vem farto de trabalhar." Joaquim gritou-lhes: – "Não vedes que vos afundais ? Que não tendes mais tempo para vos salvar? Foi Deus quem me mandou avisar-vos. Porque esperais para vos converterdes ? Sois uns desgraçados a caminho do abismo." Um polícia aproximou-se de Joaquim e intimou-o a afastar-se do local. Estava a perturbar a ordem pública. Joaquim retorquiu ao polícia: – "Foi Deus quem me mandou falar. Não posso

calar-me." – "Isso é lá com o senhor. Mas aqui não pode estar a pregar. Senão tenho que o levar comigo para a esquadra. Se quiser vá para o centro da praça onde não estorva ninguém." Joaquim dirigiu-se ao centro do Rossio. Num estrado que ali tinham colocado para a actuação de uma banda estavam sentados vagabundos e drogados. Joaquim subiu para o estrado e começou a falar-lhes de Deus. Os que passavam olhavam para Joaquim, mas não paravam para o ouvir. Só os que se encontravam ali sentados lhe deram atenção. Quando a noite caiu e as luzes da cidade se acenderam Joaquim encontrava-se muito cansado. Doíam-lhe os pés e a garganta. Sem saber para onde ir, sentou-se nos degraus do Teatro Nacional. 'A sua frente os carros passavam rápidos para os Restauradores. Joaquim cruzou os braços em cima dos joelhos e sobre eles deitou a cabeça. Deus tinha ido chamá-lo às Limpas e agora encontrava-se ali no Rossio tão só como quando Deus o encontrara no campo. Que queria Deus que ele fizesse ? Mas o cansaço e a noite encheram de sono os olhos já fechados à cidade, parando-lhe também o decurso do pensamento. Estava Joaquim assim a dormir havia algum tempo, quando sentiu alguém à sua beira. Ergueu a cabeça. Uma rapariga de saia curta, botas de cano alto e lábios pintados de vermelho estava a olhá-lo. – "És lá da Beira, não és ?", perguntou-lhe ela. – "Sou da Idanha", respondeu Joaquim. – "Eu sou do Fundão", disse-lhe ela. "Ouvi-te falar à boca do Metro e conheci-te logo pela fala." A filha da noite aproximou-se mais de Joaquim e perguntou lhe: – "Eu ouvi o que disseste. É verdade que Deus te falou ?" – "É", respondeu-lhe Joaquim. – "E o mundo vai acabar ?" – "Se Deus o disse, é porque vai acabar", replicou-lhe Joaquim. – "E vai ser para depressa ?" – "Sim, para depressa. Mais cedo do que se pensa." A rapariga ficou em silêncio. Depois disse: – "Tenho medo." Joaquim olhou-a e disse-lhe: –

"Se acreditares, serás salva." – "Eu acredito", disse a rapariga. "Acredito que Deus te falou." – "Então não tenhas medo." O movimento do Rossio abrandara. Eram menos as pessoas que passavam e os carros já não se seguiam uns aos outros sem interrupção. Uma aragem nocturna varreu alguns papéis para as faixas de rodagem onde os carros as levantavam atrás de si. – "Como te chamas ?", perguntou a rapariga. – "Joaquim." – "Eu chamo-me Adelaide." Um grupo de rapazes embriagados, vindos dos Restauradores, passou à frente deles falando alto e aos gritos. Quando deixaram de se ouvir, Adelaide perguntou a Joaquim ? – "Não vais para casa ?" – "Não tenho casa." – "E onde dormes ?" – "Não sei." – "Vem comigo. Podes dormir na minha casa." – "Está bem", disse Joaquim. "Bem hajas." – "Então anda. Daqui a pouco já não há autocarros e os táxis são muito caros." Apanharam o 36 para o Campo Pequeno e de lá o 17B para as Galinheiras. Depois de descerem do autocarro andaram quinze minutos a pé por um caminho térreo com barracas de cada lado. Passava da uma hora da manhã quando chegaram. Depois de abrir a porta da barraca, Adelaide disse a Joaquim para esperar um pouco, ela ia buscar a filha que ficara com a vizinha do lado. Passados dois minutos voltou com a filha adormecida ao colo.

23

Joaquim ficou a habitar na casa de Adelaide. Todos os dias saía de manhã cedo, apanhava o autocarro para o Campo Pequeno e a partir daí caminhava por toda a cidade. Anunciava a Palavra de Deus nas estações do Metropolitano, nas paragens dos autocarros, às entradas dos cinemas e dos teatros, frente às Igrejas. Quase ninguém parava para ouvir. Os poucos que paravam ficavam dois ou três minutos, mas depois

prosseguiam o caminho. Alguns perguntavam-lhe a que seita pertencia. Na cidade não havia lugar para Deus. Os homens e as obras das suas mãos enchiam todos os espaços. Casas e ruas eram feitas à medida e semelhança dos homens e toda a cidade era um hino ao engenho humano. Mesmo as igrejas e mosteiros existentes na cidade eram fruto e glória de épocas, estilos e feitos passados que, em nome de Deus, se celebravam a si mesmos para os vindouros. A cidade era o reino dos homens. Eram eles que urbanizavam colinas e charnecas, que atravessavam rios e ribeiras, chamando sempre a si os campos que circundavam a cidade. Como falar então de Deus e do seu reino onde o homem era criador e senhor? A cidade dos homens era o deserto de Deus. Sem saber o que fazer, Joaquim começou a ficar durante o dia em casa. Brincava com a filha de Adelaide, a Matilde de quatro anos, e rezava. Vendo-o ali tantos dias parado, Adelaide disse a Joaquim que se Deus o mandara falar, ele tinha de falar. – "Porque não vais Domingo à feira e falas lá?" – "Está bem", disse Joaquim. "Irei." No Domingo seguinte, Joaquim, acompanhado de Adelaide e Matilde, foi à feira da Charneca. Eram onze horas da manhã e uma multidão espalhava-se frente às tendas dos feirantes, vendo e comprando. Nisto começou um grande reboiço. Um grupo de homens avançava ameaçadoramente contra um cigano. Faziam-lhe a acusação de ter roubado uma carteira. De repente apareceram mais cinco ciganos que se puseram ao lado do companheiro. – "Foi ele, foi", dizia um homem franzino. – "Revistem-no." Das palavras passou-se a vias de facto. Socos e pontapés foram trocados na confusão de corpos que se agarravam e empurravam, e por fim brilharam navalhas à luz do sol. Joaquim intrometeu-se então entre os dois grupos gritando: – "Alto. Que fazeis?! Parai." Mas uma navalhada desatinada mergulhou no peito de Joaquim que caiu por terra,

sangrando abundantemente. A briga parou de imediato e os gritos e o choro de Adelaide sobrepuseram-se ao alvoroço dos curiosos que, entretanto, se tinham juntado ali em grande número. Sem sentidos, deitado no banco de trás de um taxi com a cabeça no colo de Adelaide, Joaquim foi levado para o Banco de Urgências do Hospital de Santa Maria. Poucas horas depois de dar entrada no Hospital era operado. 'A entrada do bloco operatório, Adelaide, sem comer nem beber, chorava continuamente enquanto aguardava o fim da operação. Durante duas semanas Joaquim esteve entre a vida e a morte. Por entre lágrimas copiosas, Adelaide pedia a todos os médicos que não deixassem morrer Joaquim. – "Ele não pode morrer, dizia ela. Deus mandou-o avisar toda a gente de que o fim do mundo está a chegar." Um médico respondeu a Adelaide: – "Mas se é para morrermos todos, então não vale a pena salvá-lo, se é que ainda temos tempo para isso." – "Mesmo assim, Deus quer que ele viva. É preciso que todos saibam do fim do mundo." – "Bom", disse o médico. "Isso é lá com Deus." Na estação de cuidados intensivos Joaquim sobreviveu. Passado um mês, os médicos deram-lhe alta, mas recomendaram-lhe repouso e sossego durante muito tempo. Adelaide voltou a levar Joaquim para sua casa.

24

Sentado numa cadeirinha, à porta da barraca de Adelaide, à soalheira com um chapéu de palha na cabeça, Joaquim interrogava-se angustiado sobre a vontade Deus. Os dias passavam-se velozmente e ele convalescia tão lentamente. Porque o submetia Deus à quietude, se a Sua mensagem era tão urgente? Porque o tinha Deus separado do seu rebanho, lá na aldeia, e o trouxera ali para as Galinheiras, às portas de Lisboa,

se tinha de ficar sentado numa cadeira? Com frequência, Joaquim chorava e rezava. Estava, assim, um dia sentado à porta da barraca de Adelaide, quando a passagem de um jovem o despertou da aflição em que mergulhara. Muita gente passava na rua, alguns saudavam mesmo Joaquim e perguntavam-lhe pelas melhoras, e aquele jovem também já ali passara mais vezes. Vendo-o passar, Joaquim perguntou-lhe: – "Onde vais?" Interpelado dessa maneira, o jovem parou e olhou Joaquim. Por momentos ficou indeciso entre prosseguir caminho e saber o que Joaquim lhe queria. Depois decidiu-se. – "Que me queres?" perguntou a Joaquim. – "Porque procuras tu a felicidade onde ela não está?" O jovem que se dirigia mais uma vez para o seu fornecedor de droga, compreendeu que Joaquim sabia ao que ele ia. Para que ninguém os ouvisse, aproximou-se de Joaquim. – "Vai lá dentro buscar uma cadeira e senta-te aqui junto a mim", ordenou-lhe Joaquim. O jovem fez como Joaquim lhe ordenara. – "Como te chamas?" – "José Carlos", respondeu o jovem. – "Na minha aldeia também há um José Carlos. Mas nós chamamos-lhe Zeca." A estas palavras, o jovem pôs-se mais à vontade na cadeira e perguntou a Joaquim onde era a sua aldeia. – "É na Idanha", respondeu Joaquim. Mas vendo que o jovem não sabia onde ficava Idanha, acrescentou: – "Para lá de Castelo Branco, a pegar com a Espanha." – "É longe", disse José Carlos. – "Sim, é longe", disse Joaquim, agora tocado no coração com o pensamento da sua aldeia. O jovem sentiu a tristeza de Joaquim e perguntou-lhe: – "Não estás por aqui há muito tempo, pois não?" – "Há mais de mês e meio. É muito tempo." – "Não, não é", contrariou José Carlos. – "Mas para o que me trouxe aqui, é muito tempo", asseverou Joaquim. – "E o que é que te trouxe aqui?" Joaquim voltou-se para o jovem e disse-lhe de olhos nos olhos: – "Foi Deus." – "Deus?!" – repetiu o jovem incrédulo. – "Queres dizer que foi a vontade

de Deus? Não sabes porque estás aqui?" Joaquim disse então ao jovem: – "Andava eu a guardar cabras e ovelhas na minha aldeia, quando Deus me apareceu..." Joaquim contou o que desde essa altura lhe acontecera. Quando terminou, José Carlos encontrava-se num estado de grande exaltação. – "Sempre o soube. Eu sabia que, mais ano menos ano, o mundo ia acabar. Está-se mesmo a ver." – "O mundo não acabará, se as pessoas se arrependerem", corrigiu-o Joaquim. – "Mas tu não vês que elas não se arrependem, nem tão pouco querem saber? Olha lá, o que é que se passou contigo? Pura e simplesmente não te deram ouvidos." A isto Joaquim nada disse. José Carlos continuou: – "É o que te digo, ninguém quer saber de nada. Cada um pensa em si e só em si. Já viste o que se passa com o mundo? Qualquer dia é uma lixeira. Os rios já estão poluídos e o ar está a ficar irrespirável. Todos os dias desaparecem espécies de animais e de plantas, e ninguém se rala. Andam todos de carrinho a empestar a atmosfera. Deus faz muito bem. O melhor é acabar com os homens antes que eles acabem com o mundo." – "Que sentido tem um mundo vazio?" perguntou Joaquim, para depois acrescentar: – "Não há salvação do mundo sem o homem". – "Isto só vai ao sítio com homens novos. É isso. Deus tem que acabar com estes homens e criar outros novos." – "Tu julgas que Deus não os criou bons!? Criou-os à sua imagem e semelhança, só que eles esqueceram-No. Deus quer agora recriá-los, quer homens novos, nascidos do Espírito. Do velho faz Deus novo. Todos os homens podem e devem renascer. Também tu serás um homem novo." – "Não tenho nada a ver com esta sociedade de engorda" – disse obstinadamente José Carlos. – "Não vês o homem velho que está em ti, porque o orgulho te cega. O desprezo que sentes pelos outros impede-te de ver as tuas amarras. Porque tu és um escravo." O jovem baixou os olhos em silêncio. A dependência

da droga subjugava-o a um comércio ainda mais aviltante. Tudo o que ganhava destinava-o para a porção quotidiana de heroína. – "Não mais passarás por este caminho para comprar droga" disse Joaquim a José Carlos. – "Já tentei várias vezes deixar e não consegui", confessou José Carlos. – "Tu és fraco, mas Deus é forte. É Ele que te liberta e te salva. Diz comigo: Senhor, Vós sois a minha salvação." O jovem repetiu com Joaquim: – "Senhor, Vós sois a minha salvação." – "Vai então em paz, porque Deus vai contigo" disse-lhe Joaquim. O jovem levantou-se e partiu pelo lado do caminho de onde viera.

25

Nessa noite, estava Joaquim a jantar com Adelaide e Matilde, quando bateram com força à porta da barraca. Adelaide levantou-se e foi a abrir. Era José Carlos que, da porta, disse a Joaquim: – "Não consigo, não consigo, não consigo. Parei para te dizer isto. Agora vou fazer a parte do caminho que hoje de manhã não fiz." Joaquim levantou-se e obrigou o jovem a sentar-se com eles à mesa. José Carlos chorava e transpirava. Depois de pedir a Adelaide que fizesse um chá de tília, Joaquim passou carinhosamente o braço pelos ombros do jovem e disse-lhe: – "Sossega, o resto do caminho que te leva à perdição nunca mais o farás. Foi Deus que te fez bater a esta porta e Ele não permitirá que voltes ao pecado donde vieste." José Carlos bebeu o chá de tília, as dores deixaram-no e pediu então que lhe dessem comida. Tinha sobrado sopa e havia pão e queijo. Comeu com apetite e sentiu-se melhor. – "Vamos rezar", disse Joaquim. Os três levantaram-se da mesa, ajoelharam e durante muito tempo fizeram oração. Quando terminaram, José Carlos disse a Joaquim e a Adelaide: – "Quero ficar aqui convosco." – "Mas

não vês que não há espaço?", respondeu-lhe Joaquim. – "Detrás da barraca há ainda terreno. Podemos aumentar a barraca. Eu arranjo algum dinheiro para materiais e trago amigos para nos ajudarem." Adelaide disse que sim. Onde vivem dois, também vive mais um. No dia seguinte, José Carlos trouxe um carro com um atrelado onde transportava tábuas, caibros e telhas. Com ele vinham mais dois jovens. – "Vais ver como erguemos um palácio num instante" disse brincando a Joaquim. Dois dias depois tinham aumentado para o dobro a barraca de Adelaide. A parte detrás dava para um olival e aí fizeram também uma porta. Mas não foi só José Carlos que veio habitar com Joaquim e Adelaide; outros jovens se lhe juntaram e foi necessário então erguer tendas debaixo das oliveiras. A maior parte dos jovens eram consumidores de droga e vinham em busca de libertação. Um dia Joaquim falou-lhes dos falsos paraísos: – "Sem Deus o mundo é um deserto. Os que andam no mundo estão cheios de sede. Caminham e caminham e não encontram água. Só Deus lhes pode matar essa sede, mas eles não querem saber de Deus. Procuram então encontrar água onde a não há. Correm atrás das ilusões que a sede lhes faz. Julgam ver aqui e ali árvores com grandes sombras, relvados muito verdes, e julgam ouvir o correr de água como ela corre nos regatos da montanha. Mas ali não há nada. Também vós julgastes que poderíeis matar a sede que vos seca a alma com cocaína e heroína. Mas isso só aumenta a sede. As drogas que tomais são como água salgada que é água, mas que não mata a sede. Não julgueis que sois os únicos a correr atrás de falsos paraísos. Há paraísos ainda mais perigosos que a droga. São eles o poder, o dinheiro, a glória, o luxo, a lascívia. Ao menos a droga leva-vos ao ponto de ver a miséria a que vos conduz os falsos paraísos. Mas os falsos paraísos mais perigosos são os que como o poder e o dinheiro não conhecem limites. Querem

mais, sempre mais. Dai graças a Deus por estardes aí, abatidos pela droga, e não entregues de corpo e alma ao dinheiro e à glória. Não há ninguém que não busque a felicidade. Todos querem ser felizes. Procuram-na aqui e ali, mas ela não está lá. É que a felicidade é Deus quem a dá, e ele dá-a a quem Ele muito bem entende. Muitos procurarão e nada encontrarão. Porque são orgulhosos, porque querem encontrar sozinhos o que não se encontra sozinho, porque querem à viva força conseguir aquilo para o que as suas forças nada podem. Só Deus pode dar a felicidade. Ele pode fazer feliz o mais infeliz e infeliz o mais feliz. Não há felicidade sem humildade. Felizes sois vós porque estais agora a ver a miséria em que caístes. Felizes sois vós porque vos destes conta do vosso engano. Felizes sois vós porque agora sabeis que só Deus vos pode libertar e salvar. Tende, pois, confiança em Deus. Acreditai n'Ele com todas as vossas forças. Ele vos dará de beber e nunca mais tereis sede. Só Ele tem a água cristalina que mata de vez a sede que vos consome neste deserto." De dia para dia, mais jovens se juntaram aos primeiros até que, ao fim de uma semana, havia cerca de cinquenta jovens, rapazes e raparigas, acampados no olival por detrás da barraca de Adelaide. Liam a Bíblia, rezavam, cantavam em conjunto, falavam com Joaquim, iam às compras, cozinhavam, lavavam a roupa, ajudavam-se mutuamente e sentiam-se bem. Os que tinham dinheiro davam-no a Adelaide para que auxiliasse os que nada tinham, e alguns venderam coisas próprias como carros e aparelhagens estereofónicas para também contribuírem para as necessidades comuns. Os que tinham empregos e não os tinham abandonado, saíam de manhã, mas voltavam logo após o trabalho. Libertos da droga e dos espartilhos em que tinham vivido, gozavam agora uma vida de comunidade onde cada um era um irmão para os outros. Sentiam gosto naquela vida simples de oração e

meditação. Ninguém entre eles procurava ser o chefe, nem havia qualquer desconfiança entre eles. Todos procuravam servir e dar o seu melhor para que os outros também louvassem e glorificassem a Deus. Ouvindo o que se passava para lá das Galinheiras, muitos jovens drogados de Lisboa e arredores ali acorriam para falarem com os outros e com Joaquim. Desejavam também a libertação da servidão em que viviam. O acampamento aumentava cada vez mais e Joaquim julgou ter encontrado a sua missão em Lisboa. Mas os desígnios de Deus eram outros.

26

Um dia, ia a manhã alta, encontrando-se Joaquim a falar com alguns jovens, Adelaide veio chamá-lo pois havia uma senhora que desejava falar com ele. A senhora tinha vindo num grande carro e vestia roupas caras. Recusara o convite de Adelaide para entrar na barraca e esperava de pé em frente à porta. Logo que Joaquim chegou, disse-lhe: – "Chamo-me Augusta de Melo, sou a mãe do João Paulo e desejo falar com ele." – "Está bem", disse Joaquim. E sem acrescentar mais nada atravessou novamente a barraca e foi chamar João Paulo que estava sentado debaixo de uma oliveira lendo a Bíblia. Mas o jovem disse-lhe que não queria falar com a mãe. Quando Joaquim transmitiu à senhora que o filho não queria falar-lhe, ela exaltou-se. – "Como se atreve a dizer-me que o meu filho não quer falar comigo? Tem um menor em seu poder e diz-me com toda a desfaçatez que não quer falar comigo!? Exijo que traga o meu filho imediatamente aqui." Joaquim nada disse e nada fez em resposta à exigência de Augusta de Melo, limitou-se a fixá-la nos olhos mais intensamente. A senhora exaltou-se ainda mais. – "O senhor não me ouviu bem, com certeza. Já lhe

disse: exijo que traga o meu filho imediatamente à minha presença; de contrário virei com a polícia e processá-lo-ei por desvio de menores." Joaquim respondeu-lhe: – "Venha comigo falar com João Paulo." Joaquim saiu da barraca de Adelaide, caminhou cinquenta metros pelo caminho ladeado de barracas e cortou então para o campo de oliveiras por detrás das barracas, onde estavam armadas as tendas. Augusta de Melo hesitou um momento, mas depois seguiu atrás de Joaquim. Caminharam pelo campo, passaram por grupos de jovens, até chegarem junto a João Paulo que continuava sentado no chão a ler a Bíblia. Ergueu o olhar para Joaquim e para a mãe, mas logo o voltou a pousar sobre o livro sagrado. – "João Paulo", disse-lhe a mãe, "gostaria que viesses comigo". O jovem nada disse, continuando com o olhar pousado sobre a Bíblia. A mãe enfureceu-se. – "João Paulo, fala comigo. É preciso levar-te à força?" Aí o jovem ripostou de imediato: – "À força!? Então leva-me, mas digo-te que volto logo. Ou queres amarrar-me com uma corrente lá em casa?" Augusta de Melo levou a mão direita à frente, numa tentativa de ganhar a calma que não tinha. Por breves momentos ficou em silêncio e, depois, num tom de voz conciliador, pediu ao filho que a acompanhasse. Mas este disse-lhe: "Para quê acompanhar-te, se nada do que é importante para ti é importante para mim? Sabias que me drogava, mas nunca me disseste nada. Porquê? Tinhas medo da certeza? Mas queres saber a razão? Porque era infeliz, porque me sentia só, porque o que tu querias de mim nada me dizia, e o que eu queria não te interessava. Alguma vez me falaste de Deus? Alguma vez me ensinaste a rezar? Olha, peço-te que me deixes aqui ficar. Aqui rezo e aqui me sinto feliz." Depois de olhar rapidamente para Joaquim, a mãe disse ao filho: – "Não. Não permito que uma seita qualquer te apanhe nas suas teias. Vem comigo." E dito isto, pegou num braço de filho. Com

alguma hesitação, João Paulo levantou-se. Voltou-se para Joaquim e disse-lhe: – "Joaquim, obrigado. Voltarei." Com o coração oprimido, Joaquim viu-os partir, mas nada disse.

27

A união de tantos jovens à volta de Joaquim, a oração frequente e os cânticos, perturbaram muita gente e tornaram-se objecto de ódio. Muitos pais acusavam Joaquim de ser o chefe de uma seita que lhes ficava com os filhos. Alguns deles não se ficaram pelas palavras. Uns foram à polícia e outros vieram directamente numa atitude belicosa. Um construtor civil, acompanhado de dois empregados, entrou uma tarde pelo acampamento, bateu no filho e em Joaquim. Não fossem os outros jovens acorrerem, e o construtor civil e acompanhantes teriam deixado Joaquim maltratado. Mas o filho era maior, tinha vinte e dois anos, e decidiu não ir com o pai. Os jovens então não permitiram que o pai o levasse contra vontade. Uma tarde chegou a polícia. Eram seis agentes comandados por um sargento. As suas ordens eram para revistar o acampamento à procura de droga. Consigo traziam um cão especializado na detecção de narcóticos. Havia fortes suspeitas, diziam, de que o acampamento funcionava como um mercado de compra e venda de drogas. Procuraram por todo o lado. Tiraram os sacos-cama das tendas, viraram-nos de avesso, revistaram mochilas e sacos de viagem, escavaram a terra à volta dos troncos das oliveiras à procura de sacos de plástico enterrados com droga, passaram a pente fino a barraca de Adelaide, deixaram o cão tudo farejar, mas nada encontraram. Cumprida a missão, os polícias partiram. Entretanto mais jovens apareceram para ouvir Joaquim e falar com ele. Alguns ficavam apenas umas horas, outros grande parte do dia, uns

vinham de manhã e iam para suas casas à noite, e outros ainda vinham apenas passar a noite no acampamento. A todos Joaquim acolhia com amor e a todos anunciava a mensagem de Deus para se arrependerem dos seus pecados e converterem as suas vidas. No entanto, o inimigo rondava à volta do acampamento procurando destruí-lo. Uma noite apareceram os traficantes de droga e os proxenetas. Joaquim perturbava-lhes o negócio. Os primeiros não vendiam a droga e os segundos ficavam sem as raparigas. Vieram em quatro carros às três da manhã. No acampamento, os jovens dormiam. Os traficantes e os proxenetas começaram a destruir as tendas, a cortá-las com facas, e a bater nos jovens que lá dormiam. Depois foram à barraca de Adelaide, arrombaram a porta, bateram também nos que lá se encontravam e, no fim, incendiaram a barraca. Antes de abalarem, deixaram o aviso de que para a próxima vez seria pior. Cinco jovens, três rapazes e duas raparigas, tiveram de ser internados. Cansados de terem apagado o fogo e socorrido os feridos, diante dos destroços fumegantes da barraca de Adelaide e das tendas destruídas, ao amanhecer, os jovens encontravam-se amedrontados. Joaquim reuniu-os então à sua volta e falou-lhes do seguinte modo: – "Não tenhais medo. A paz que ninguém nos pode tirar não é deste mundo. Podem bater-nos, podem afligir-nos, mas se tivermos o coração em Deus, nunca nos roubarão a paz. É essa paz que incomoda e irrita os que nos batem, e os faz voltar contra nós. Os nossos corações estão em Deus e, por isso, nada os pode sobressaltar. Começastes uma vida nova. Éreis escravos dos vossos vícios e agora sois livres. Não foi por vosso mérito, nem pelo vosso esforço, que passastes da escravidão à liberdade, mas sim porque Deus teve misericórdia de vós e vos libertou. Sede então fiéis à obra de Deus. Foi Ele que vos trouxe aqui. Louvai-O e bendizei-O em tudo o que disserdes e fizerdes."

Animados com estas palavras, os jovens começaram logo a reconstruir a barraca de Adelaide e a remendar e a refazer as tendas. Ao fim de três dias tinham não só refeito o que havia sido destruído, como também tinham construído uma nova barraca onde fizeram uma cozinha e uma sala para se reunirem. Distribuíram tarefas entre si, uns para ganhar o sustento, outros para cozinhar, outros para limpar, e assim por diante. Sentiam-se bem ali com Joaquim, glorificando e louvando a Deus, e não queriam partir. Quando todos, Joaquim, Adelaide e os que com eles estavam, começaram a julgar que formavam uma comunidade que tinha como centro a oração, chegou a polícia para desocupar o terreno em que estava instalado o acampamento. Chegaram duas carrinhas cheias com polícias fortemente armados e com cães. Num ápice rodearam o acampamento e o oficial que os comandava anunciou com um altifalante portátil que os jovens tinham meia hora para abandonar o local. Joaquim dirigiu-se ao oficial e perguntou-lhe porque os mandavam sair. O oficial limitou-se a dizer: – "Por desacato à ordem pública, por ocupação ilegal de propriedade privada, por haver fortes suspeitas de aqui se juntarem traficantes e consumidores de drogas." – "Fomos nós que fomos atacados", retorquiu Joaquim. "A polícia fez há algum tempo uma busca no acampamento e nada encontrou de drogas. E até agora ainda ninguém nos disse que estávamos a ocupar-lhe a propriedade. Porque enviar-nos embora?" – "Ordens são ordens", respondeu o oficial que não desejava entrar em diálogo com Joaquim. E pegando no altifalante, anunciou que tinham vinte minutos para desocupar o terreno e dispersarem-se. Alguns jovens dispuseram-se a resistir, mas Joaquim ordenou-lhes que obedecessem à autoridade. Então, os jovens desarmaram as tendas, enrolaram os sacos-cama, juntaram as poucas coisas que tinham, e, com lágrimas nos

olhos uns, e outros chorando abertamente, despediram-se de Joaquim, dizendo que o viriam visitar. Mas Joaquim disse-lhes que também iria partir. Depois de todos partirem, e de as carrinhas da polícia terem abalado, quando ficaram sós, Adelaide perguntou a Joaquim: – "Vais-te embora?" – "Sim, vou partir." – "Para onde vais?" – "Não sei ainda", respondeu Joaquim. – "Então também me vou embora. Vou para a minha aldeia. Vem comigo." – "Não. Não posso", disse Joaquim. Adelaide não insistiu. Começou a meter as suas roupas e as de Matilde em duas malas. Ao partir, entregou a chave da barraca a uma vizinha. Disse à vizinha que abrisse a porta a Joaquim, se acaso ele quisesse ali dormir. Depois chamou um táxi. Joaquim acompanhou Adelaide e Matilde até à Estação de Santa Apolónia. A sua alma estava triste e amargurada. Depois de Adelaide e Matilde terem partido para o Fundão no Intercidades das 19H05, Joaquim saiu de Santa Apolónia e caminhou sem destino pela cidade.

28

Eram já dez horas da noite quando Joaquim chegou à Praça de Espanha. Cansado e sem saber para onde ir, tomou um autocarro da Rodoviária. O autocarro foi para a outra margem do Tejo, para a Charneca da Caparica. Joaquim desceu junto à Igreja. Faltava pouco para as onze horas da noite, e um vento frio soprava dos lados do mar. Joaquim sentiu frio. Gostaria de entrar na Igreja, sentar-se lá e descansar, mas a Igreja estava fechada. Não podia ficar ali ao vento e ao frio. Pôs-se então a caminho pela estrada que vai para Vale Fetal. Os carros que passavam na noite tornavam o seu desconforto ainda maior. Passou pelo Vale Rosal. Alguns cafés estavam abertos, Joaquim teve vontade de entrar, de beber uma bebida

quente. Entrou num deles e pediu um galão. Sentou-se a uma mesa de canto. Sentia a falta de calor. Gostaria de estar com Adelaide. Habitara-se à sua presença solícita e maternal. Porque não fora com ela? Quando o galão veio, agarrou-o com as duas mãos e deixou-se ficar assim algum tempo, agarrando com as mãos o calor do copo. Depois começou a bebê-lo com goles breves. Por volta da meia noite saiu do café. A noite esfriara ainda mais e o seu agasalho reduzia-se a uma camisola fina. Desenrolou o saco cama, que um jovem lhe dera ao despedir-se dele no acampamento das Galinheiras, e pô-lo como uma manta sobre os ombros. Caminhou ao longo da estrada que passa por Vale Fetal. Aí já os cafés estavam fechados. Continuou pela estrada em direcção a Vale de Figueira. Guiava-se pelas luzes dos carros que passavam e pela luz frouxa da lua em quarto minguante. Ia chegando a Vale de Figueira quando, numa curva da estrada, se deu conta de uma fábrica de tijolos abandonada. Para lá se dirigiu e lá se meteu no saco-cama. Dormiu mal, inquieto, desabitinado já ao solo duro da terra e à solidão que o angustiava. Aos primeiros clarões da alvorada levantou-se. Foi até Vale de Figueira. Tinha fome. Dos mil escudos que aceitara de Adelaide ainda lhe restavam seiscentos. Mas era ainda cedo de mais, os cafés ainda não tinham abrido as suas portas. Durante a noite tinha estado só. Deus distanciara-se de si. Agora de dia continuava sem rumo, incapaz de dizer fosse o que fosse, ainda menos a mensagem de Deus, aos que estremunhados saíam de casa às seis e meia da manhã para apanharem o autocarro para Cacilhas. Joaquim tinha pena deles e pena de si. Também ele se sentou no banco da paragem dos autocarros, mas não apanhou nenhum. Quando o café em frente da paragem abriu, entrou e pediu um galão e uma sandes de queijo. Em silêncio e muito lentamente, bebeu o galão que pedira muito quente e

comeu a sandes. Ficou no café duas horas, quieto, enfiado em si. Depois saiu e meteu pela estrada que leva ao Lazarim. Caminhou perdido nos passos e no pensamento, cortou à direita a certa altura, percorreu ruas térreas, com casas clandestinas contruídas aqui e ali. Onde estava, não sabia. Mas ali havia ainda campos, árvores, e de vez em quando via umas cabras e ovelhas a pastar, e sentia-se melhor. Lembrou-se da sua aldeia, do seu rebanho. Tudo isso estava agora tão longe. Joaquim não chorou, mas sentou-se numa pedra e ali ficou horas a fio sem nada fazer e sem saber o que fazer. Começava a entardecer quando gastou o último dinheiro numa cerveja e numa sandes. Eram seis horas e meia da tarde quando chegou à Quinta de Baixo. No centro havia uma farmácia, cafés, um centro comercial, quiosques. Joaquim tinha um ar desarranjado, barba por fazer, roupa em desalinho, e as pessoas olhavam-no com estranheza. – "Joaquim!" Alguém o chamava. Era um senhor bem vestido, à volta dos cinquenta anos, que se lhe dirigia e estendia a mão. Joaquim não o conhecia. Ao olhar admirado de Joaquim, o senhor disse: – "Ouvi-o falar no Sabugal. Sou natural daquela zona." Joaquim limitou-se a dizer que sim com a cabeça, sem nada mais dizer. – "Chamo-me Luís Tomé. Dar-me-ia muito prazer se hoje quisesse jantar comigo e com a minha família." – "Obrigado", disse Joaquim. Joaquim acompanhou Luís Tomé. Este vivia num andar de uma das torres da urbanização. Subiram de elevador, Luís Tomé abriu a porta e perguntou se havia alguém em casa. Estavam todos, a mulher, Maria José e as duas filhas de oito e dez anos, Lúdia e Rita. Luís apresentou Joaquim à família. – "Maria José, já te tinha falado do Joaquim da Idanha. Encontrei-o ali em baixo, junto ao quiosque." Luís Tomé e Maria José eram professores numa Escola Secundária de Almada. Viviam ali na Quinta de Baixo, entre o local trabalho e a praia. Solícita, Maria José

perguntou a Joaquim se desejava lavar-se. Joaquim aceitou, e à sugestão de vestir roupa de Luís disse também que sim. Maria José preparou o banho a Joaquim, encheu-lhe a banheira de água quente, deu-lhe um toalhão de banho, pôs-lhe a roupa que havia de vestir em cima de um banco, e deixou-o naquele ambiente tépido e bem cheiroso. Joaquim despiu-se das suas roupas já sujas e com cheiro, meteu-se na banheira e deixou-se ficar ali estendido até que, sem dar conta, adormeceu. Foi só quando Luís, chegando a hora de jantar, lhe bateu à porta, que acordou, se lavou e vestiu. Durante o jantar, que estava muito bom, Luís e Joaquim falaram sobretudo da região da raia, de Idanha até Vilar Formoso. Maria José era natural de Lisboa e embora fosse todos os anos com o marido à aldeia natal dele no concelho de Sabugal, não se sentia atraída pelas terras agrestes do interior raiano. Depois do jantar saíram para beber café. Quando regressaram, viram um pouco televisão. Eram nove e meia quando Lúcia e Rita deram as boas-noites, beijaram os pais e Joaquim, e se retiraram. Passados quinze minutos também para Maria José deu as boas noites a Joaquim. Ia ver se as filhas já estavam deitadas e ainda tinha que corrigir essa noite algum pontos escritos. Luís Tomé e Joaquim ficaram sós. Primeiro, quedaram-se em silêncio. Havia algo que os unia e os tolhia mutuamente. Por fim, Luís Tomé perguntou a Joaquim: – "Quer beber alguma coisa? Eu tomo um uísque. – "Bebo uma aguardente, obrigado." Luís serviu as bebidas. Depois de um e outro terem bebido um gole e esperado algum tempo, Luís tomou a iniciativa: – "Ainda continua a anunciar a palavra de Deus?" Sentado no sofá, Joaquim não respondeu. Luís continuou: – "Eu também já anunciei a palavra de Deus. Fui padre durante quinze anos, depois desisti. – "Porque é que desistiu?" quis saber Joaquim. – "Poderia dar muitas razões, mas acho que a verdadeira foi o desgaste do tempo." Joaquim

olhou para Luís sem nada dizer, e este baixou os olhos e bebeu mais um gole de uísque. – Tinha vinte e dois anos quando me ordenei padre. Nessa altura tinha uma fé profunda, capaz de mover montanhas. Ainda me lembro bem do que senti no momento em que o bispo impôs as mãos sobre mim. Eu era enviado a anunciar a Boa Nova, o Reino de Deus. Era Deus que me enviava. Depois fui enviado a paroquiar uma aldeia sem água canalizada e sem luz eléctrica. Na aldeia devia haver umas setecentas pessoas. Entrei com amor naquela aldeia. Era ali que Deus queria que eu anunciasse a sua Palavra, ali era o local que ele me dava para me santificar, aqueles paroquianos eram as mulheres e os homens cuja salvação me era confiada. Entreguei-me de corpo e alma à minha missão. Visitei uma a uma todas as famílias da aldeia, dinamizei a catequese e grupos de juventude, dei uma volta à liturgia, organizei o apoio social aos mais necessitados da paróquia, enviei rapazes para o seminário, etc. Foi em parte devido à minha iniciativa que se electrificou a aldeia e se introduziu a água canalizada. Durante os primeiros anos não parei um momento. O dinheiro das côngruas e dos estipêndios da missa e dos outros sacramentos mal dava para eu viver. Eram os meus pais que de vez em quando ainda me davam dinheiro para uma precisão maior. Passados anos de trabalho e de privações, não tinha resultados do meu esforço. A aldeia estava economicamente melhor, sobretudo com o dinheiro dos emigrantes, e espiritualmente pior. Comecei então a dar aulas de português num colégio. Os meus paroquianos queriam que lhes celebrasse a missa, que baptizasse os que nasciam, que fizesse o funeral dos que morriam, que os casasse quando estavam para casar, que os confessasse uma vez por ano, na Quaresma, e era tudo. Eles não queriam mudar de vida. Se havia alguém que precisava de mudar de vida era eu. E foi o que fiz. Pouco a pouco fui-me

convertendo cada vez mais num professor. A certa altura inscrevi-me na universidade. Aos poucos fiz a licenciatura. Depois fiz o estágio e foi aí que conheci a Maria José. Mas quando a conheci, já a minha vida de padre estava morta. Celebrava mecanicamente a missa, e , além disso, só fazia os baptizados, casamentos e funerais, aliás como sempre tinha feito, só que agora eram uma rotina que se me tornava cada vez mais pesada. As palavras de Deus saíam-me da boca já mortas. Senti-me bem e verdadeiro quando desisti e pedi a redução ao estado laical." – "E agora?" perguntou Joaquim. – "Agora? Agora estou bem. Sou como as outras pessoas. Trabalho, tenho uma família, vivo para as minhas filhas. Procuro ser feliz com o que tenho." – "Mas Deus...?" – "Sim, Deus. Deus está nos céus e nós na terra. Deus deixa-nos viver e nós cá vivemos enquanto Ele quiser. É tudo." – "Mas Ele falou-me e mandou-me dizer que ou os homens se convertem à Sua palavra ou então virá julgar o mundo pelo fogo." – "Também a mim me chamou e me enviou a anunciar a Sua palavra; mas depois, com o passar do tempo, esgotei-me." – "Mas temos que obedecer a Deus", disse Joaquim. Luís Tomé não retorquiu directamente. Fixou Joaquim e perguntou-lhe: – "Quando foi que Deus te falou?" – "Já lá vai mais de um ano. Foi o ano passado em Agosto." – "E quanto tempo te disse Deus ainda nos resta?" – "Disse-me que a hora estava a chegar e que era preciso mudar hoje de vida e que amanhã será tarde." – "Mas Ele falou-te há mais de ano!" Aqui Joaquim nada disse; olhou simplesmente para Luís Tomé, à espera que continuasse. – "É o tempo que mata a fé. Deus manda-nos mudar de vida e os dias sucedem-se iguais uns aos outros. Ao principio também eu acreditava que iria mudar o mundo, ao menos a minha paróquia. Mas, depois, com o correr dos dias, dos meses e dos anos, vi que não mudava nada. O mundo foi sempre assim e vai

ser sempre assim. A gente farta-se. Chega uma altura e diz: Não vale a pena. Contigo vai acontecer o mesmo. Andas a dizer que Deus castigará os homens, se não se converterem. Mas tu dizes isto um dia e outro e o castigo nunca mais chega. As pessoas vêem que nada acontece e deixam de acreditar; por fim, também tu deixarás de acreditar." – "Mas eu não deixarei de acreditar. Deus falou-me." – "Espera e verás. Tu não sabes aquilo que o tempo faz." A conversa terminou. Joaquim dormiu nessa noite em casa de Luís Tomé. No dia seguinte, voltou a Lisboa e tomou o comboio para Castelo Branco. Ia regressar à sua aldeia.

29

Quando na aldeia se soube que Joaquim voltara, muitos foram os que o quiseram ver. Mas Joaquim não queria ver ninguém. A mãe tinha vendido o rebanho, e Joaquim passava os dias fechado em casa. – "Vais ficar aqui todo o tempo sem fazer nada?" repreendeu-o a mãe um dia. – "Não, senhora. Vou voltar à vida de pastor. Dê-me dinheiro para comprar algumas cabras." A mãe deu-lhe o dinheiro e a partir daí Joaquim começou a sair todos os dias com o gado, logo pela manhã. Quando o encontravam pelos caminhos e no campo, os familiares e os que o conheciam perguntavam-lhe: – "Então Joaquim, o mundo acaba amanhã ou não?" E outros: – "Oh Fusco, gozaste por lá muito? Viste muitas terras?" Joaquim nada respondia. Um dia, o padre Moita foi ter com Joaquim ao campo. – "Bons dias, Joaquim." Em voz baixa Joaquim respondeu: – "Bom dia, Senhor Padre." – "Joaquim, venho falar contigo. Se não te importas, eu sento-me." Havia ali uma pedra e o padre sentou-se nela. Joaquim ficou de pé. – "Não venho aqui para te recriminar, Joaquim. Sei que agiste de boa

fê." Joaquim nada disse. Não olhava para o padre, seguia com o olhar as cabras que pastavam. – "Queres contar-me o que fizeste?" Durante algum tempo Joaquim permaneceu calado, mas depois respondeu: – "Há pouco para contar. Andei a dizer o que Deus me tinha dito para dizer." – "Mas, porque é que voltaste?" Joaquim não soube responder. – "Olha, Joaquim, já há bastantes anos que sou padre, fui eu que te baptizei. Tenho pensado muito no teu caso. Acho que o Senhor também me quis pôr à prova. Também os padres se habituam às coisas do dia a dia, esquecendo o que é principal. O teu caso deu-me que pensar no que tem sido a minha vida de padre. A certa altura, comecei a acreditar que tinhas dito a verdade. Comecei a achar que aquilo que sempre tinha feito, as missas, os terços, as procissões, as minhas orações do breviário, serviam para me apaziguar a alma, mas que não encarnavam a Palavra de Deus. Sim, acreditei que Deus te tinha tornado Seu profeta." O padre Moita fez uma pausa. Joaquim olhou para ele, mas desta vez era o sacerdote que olhava para longe. – "Foi um período de grande sofrimento", continuou o padre. "Pedi ao Sr Bispo que me dispensasse uma semana do serviço das paróquias. Fui para um convento rezar e meditar. Mas também lá não alcancei a paz. Mas com o passar dos tempos, e sobretudo agora com o teu regresso, compreendo a provação do Senhor." O padre desceu os olhos para Joaquim que enfrentou o seu olhar. – "A Palavra de Deus é humilde. Sabe esperar. Nós é que temos pressa. É a pressa do nosso orgulho." Joaquim não compreendia. O padre Moita continuou: – "Não somos capazes de suportar a humildade e confundimo-la com a vida rotineira. Por mim falo. Fazer todos os dias a mesma coisa, rezar Laudes, celebrar a missa, recitar o terço, rezar Vésperas e Completas, é um acto de humildade. Foi isto que compreendi. Depois há um outro aspecto ligado a este. Fazemos parte da Igreja que o

Senhor instituiu. Querer anunciar a Palavra de Deus sozinho, ao jeito dos antigos profetas, é também um acto de orgulho. O que tenho de fazer é pôr toda a minha alma nas pequenas coisas que faço todos os dias, cumprir com zelo a missão que o Senhor me deu pela boca do Sr Bispo." Dito isto, o padre Moita calou-se. Durante muito tempo estiveram os dois sentados sem nada dizer. Por fim, Joaquim perguntou ao padre: – "Que hei-de eu fazer?" O padre Moita voltou-se para Joaquim: – "Também eu me interrogo acerca do que tu deves fazer e peço a Deus que nos ilumine, a ti e a mim. O Tio Martinho está velho e já lhe custa fazer o trabalho. Queres ser tu o novo sacristão?" – "Não posso", respondeu Joaquim. "Tenho o gado." – "Terias de deixar o gado e arranjar outro trabalho." – "Não sei. Vou pensar." O padre Moita despediu-se e Joaquim voltou a ficar só com as cabras. Desde que regressara à aldeia, sentia-se atordoado, confuso, sem saber o que fazer. Não pensava em Deus, como também não pensava em nada. A sua alma estava vazia. Agora fazia o que sempre tinha feito e que sabia fazer: guardava gado. Passavam-se dias e Joaquim continuava a sair de manhã e a voltar à noite com as cabras. Quanto à oferta do padre Moita, de ser o novo sacristão, mantinha-se indeciso. Custava-lhe abandonar o gado. Ao menos sentia-se mais calmo quando ia buscar de manhã os animais ansiosos de sair para o campo e quando os ordenhava ao anoitecer. Foi numa manhã, quando saía com o gado, que encontrou no caminho a Gertrudes, a filha do José Lagarto. A miúda corria a bom correr quando viu Joaquim e, de imediato, se deteve. Ficou parada a olhar para Joaquim, sem nada dizer. Foi Joaquim, quem primeiro lhe falou: – "Então Gertrudes, andas boa?" – "Ando", respondeu a miúda. – "E os teus pais e irmãos também estão bons?" – "Também." – "O que é que fazes?" – "Vou para a escola." – "Está bem. Então vai lá." A

miúda desatou a correr e Joaquim, que a seguia com o olhar, deixou-a de ver pouco depois. Não, Joaquim não se esquecera do milagre operado naquela menina. Ela, que tinha sido coxa, era agora escoreita. E fora por seu intermédio que Deus a curara. Sim, Joaquim sabia tudo isso, mas não caiu por terra a chorar a sua infidelidade. Deus tinha-lhe dado provas, mas Joaquim, sem esquecê-las, demitira-se da missão de que Deus o encarregara. Deus fizera dele o Seu último profeta, mas Joaquim cansara-se de ser profeta e deixara de falar. Mas para que serve um profeta que não fala? Depois de ter encontrado Gertrudes, Joaquim continuou o seu caminho, atrás das cabras. Passou pelo Areal, meteu pelo caminho dos Vales e chegou às Limpas. Fora ali que Deus lhe falara. O cansaço e a apatia de Joaquim converteram-se, de repente, em revolta. Joaquim virou-se para os céus e insurgiu-se contra Deus. Porquê ele? Sim, porquê o escolhera Deus a ele? Ele, um simples pastor de cabras e ovelhas, que mal sabia ler e escrever. Como se o mundo não estivesse cheio de melhor gente que ele! Havia professores, doutores, padres e bispos. Porque é que Deus não escolhera um padre ou um bispo? Ao menos esses foram preparados para falar das coisas de Deus. Se há os padres e os bispos para falarem de Deus, quem é que há para lhe dar ouvidos a ele, Joaquim? Não estava para fazer concorrência a ninguém. Se Deus quer um profeta, então que arranje alguém em condições. Que fale ao papa, que é o chefe da Igreja. E, depois, há quanto tempo não andava ele a pregar o fim do mundo para amanhã? Já lá iam mais de quinze meses e aquela pressa toda ainda não tinha dado em nada. Os dias e os meses passavam-se e o mundo continuava na mesma. Baptizavam-se os que nasciam, enterravam-se os que morriam, e todos continuavam a fazer o seu dia a dia, porque a vida é assim. Se Deus quer avisar os homens, então tem que os avisar a sério

para apanharem medo. Tem que haver dias marcados. Assim não dá. Dizer que é para amanhã e depois o amanhã nunca chega, isso não convence ninguém. Mas se Deus está farto dos homens, porque é que não lhes diz isso directamente? Para que é preciso profetas? Há tantos que se dizem profetas, que já ninguém acredita em profetas. Deus pode tudo e não precisa de um pastor meio analfabeto para dizer aos homens que tomem juízo e se convertam. Foi assim que Joaquim se insurgiu contra Deus. Mas o Senhor do Universo não lhe retirou das costas e da alma o peso da Sua palavra. E os céus não se abriram para vomitar fogo sobre o profeta infiel. Os dias passavam-se e a inquietação de Joaquim aumentava cada vez mais. As horas e os dias que corriam eram-lhe um suplício. A palavra de Deus por anunciar queimava-lhe as entranhas. Num sábado à noite, a inquietação e o nervosismo de Joaquim tornaram-se insuportáveis. Não podia mais. Desejava morrer. Foi então nessa noite, de um sábado de Novembro, que o Senhor deu a conhecer pela última vez a Joaquim a Sua vontade. Sem saber se dormia, se vigiava, Joaquim teve uma visão horrível. O céu baixara ameaçador sobre a terra, a tocar os tectos das casas e os corutos das árvores. O mundo era uma teia de corredores intermináveis, de uma luz crua, onde grupos de pessoas aterrorizadas corriam de um lado para o outro. Fugiam de um perigo que se aproximava como uma tempestade ameaçadora, ainda sem relâmpagos e trovões. Entravam num corredor, e andados duzentos, trezentos metros, a sensação do perigo prestes a cair sobre eles invadia os que se haviam aventurado por ali. Davam meia volta, fugiam, a sensação do perigo iminente não os abandonava, entravam num outro corredor, também lá o sentiam, rolando como uma nuvem pelos tectos gélidos dos corredores sem fim. Um ruído cavo, ameaçador, espalhava-se, ecoava pelas paredes dos corredores. O perigo

aumentava cada mais, sem nunca explodir ou desabar, aproximando-se sempre cada vez mais, ocupando uma a uma as galerias daquele labirinto imenso. As pessoas espavoridas corriam mais e mais, freneticamente, procurando saídas que não havia, entrando por galerias que logo se convertiam em ratoeiras. Joaquim acordou alagado em suor. Sentia o corpo todo arrepiado, a face, as costas, os membros. Tremia e temia. Levantou-se. Sabia o que tinha a fazer. Vestiu-se e saiu de casa. Era ainda noite escura. Foi para a paragem da camioneta e lá esperou ao frio pela carreira das cinco horas da manhã para Castelo Branco. Joaquim voltava a Lisboa a fazer o último aviso de Deus.

30

Chegou a Lisboa às duas da tarde. Durante a viagem Joaquim não comera; ainda estava em jejum. Mas também não pensava em comida, nem tinha fome. Sem demora, Joaquim saiu da estação e fez o mesmo caminho que fizera meses anos. Em Lisboa chovia. Quando chegou ao Terreiro do Paço já a chuva lhe repassara as roupas. O Rossio estava a bem dizer vazio àquelas horas primeiras da tarde chuvosa de Domingo. As poucas pessoas que Joaquim encontrava caminhavam rápidas debaixo dos guarda-chuvas, olhando com estranheza para quem assim caminhava descoberto à chuva. Joaquim subiu a Avenida da Liberdade, com a chuva a cair, à procura da gente que não encontrava. Os carros passavam, deixando atrás de si o ruído das rodas no asfalto molhado. Quando chegou ao Marquês de Pombal parou. Também ali não havia ninguém. Tinha que continuar. Sem destino certo, meteu pela Avenida António Augusto de Aguiar. No topo da avenida, deparou com os edifícios das Amoreiras. Aproximou-se. Muita gente entrava

no Centro Comercial. Joaquim entrou também. Lá dentro encontrou um santuário do consumo e do lazer. Os corredores estavam cheios de gente que olhavam as montras cheias de objectos agradáveis à vista. Eram às centenas e centenas as pessoas que por ali deambulavam. Caminhavam devagar, prazenteiras, em pequenos grupos familiares ou de amigos; e trajavam boas roupas e cheiravam a perfume. Via-se que gostavam de ali estar. Nada lhes faltava. Com dinheiro podiam comprar tudo. Havia restaurantes, cinemas, supermercados, livrarias, discotecas, ourivesarias, lojas de roupa, de desporto e de muitas outras coisas. Todo molhado, com os cabelos a pingar, e nas roupas de pastor encharcadas, Joaquim entrou no Centro Comercial das Amoreiras como uma personagem estranha, um ser de um outro mundo. À sua passagem, uns receavam-se, outros riam-se, outros abanavam a cabeça, outros lamentavam o louco. Sem nada dizer, Joaquim percorreu os corredores, subiu e desceu escadas, andou por mais corredores, até encontrar o sítio onde se juntava mais gente. Aí, ao cimo de umas escadas triunfais, abriu os braços e gritou: – "Arrependei-vos. O mundo vai acabar." Àquele grito e àquela voz, já não humana, os que ali estavam pararam, os que estavam nas lojas saíram, e muitos que estavam noutros corredores correram a ver o que se passava. – "O tempo acabou. Chegou a hora da justiça." À medida que a voz de Joaquim ecoava naquele espaço como o ribombar de um trovão, o silêncio entre as suas palavras aumentava, deixando ouvir as correrias dos que, atraídos pelas correrias dos primeiros, chegavam dos corredores mais longínquos. Joaquim continuou: – "Já nada pode sustentar a cólera de Deus. E a cólera de Deus é terrível. Arrependei-vos. A paciência de Deus chegou ao fim. Esquecesteis-vos de Deus como a um antepassado morto há centenas de anos; orgulhais-vos da vossas obras e comprazeis-

vos no vosso poder; enchestes-vos de dinheiro e riqueza e dizeis que nada vos falta; mas Deus está farto deste mundo que vive no pecado." Joaquim gritou ainda mais alto: – "Acabou-se. Arrependei-vos." Mas de entre os que estavam mais próximos de Joaquim, alguns começaram a afastar-se – saciada a sua curiosidade na figura e nas palavras daquela personagem estranha –, pedindo passagem aos que os rodeavam. Diziam simplesmente "com licença", indiferentes ao que viam e ouviam. Então rapidamente outros lhes seguiram o exemplo, dizendo aos que se encontravam mais afastados de Joaquim: – "É um louco a anunciar o fim do mundo." Joaquim reforçou as suas palavras: – "Foi Deus que me mandou avisar-vos. Porque não ouvis?" Mas ninguém queria ouvir mais Joaquim. Alguns poucos olhavam-no com comiseração, mas a maior parte achava-o um pobre louco. Voltaram as costas a Joaquim que lhes gritou: – "Sois loucos. E eu digo-vos: ainda hoje vos arrependereis da vossa loucura. À noite, de nada vos valerão as súplicas e os gemidos. Morrereis queimados às mãos de Deus." Joaquim desceu as escadas e saiu daquele lugar feito à imagem e semelhança do homem. Cá fora continuava a chover e novamente Joaquim se meteu à chuva. Começou a correr ao longo da auto-estrada para o Estoril. Queria afastar-se da cidade e dos homens condenados à perdição.

31

Em cima do viaduto Duarte Pacheco, Joaquim teve a tentação de se suicidar. Ali, entre o alto das Amoreiras e a serra de Monsanto, sentia-se um verme, e não um homem, esmagado pelos homens e por Deus. Falhara junto aos homens a missão que Deus lhe dera. A condenação de Deus estava a cair sobre a cabeça dos homens e Joaquim nada conseguira. Joaquim tinha

medo do Senhor; o dia da justiça tinha chegado e não queria assistir à hora da Sua ira. Mas, guiado pelo Espírito do Senhor, Joaquim resistiu à tentação e dirigiu-se a Monsanto. Saiu da auto-estrada e caminhou para o sítio mais alto da serra. Lá em cima, olhou para a cidade que com as suas torres imponentes desafiava os céus e chorou. Chorou pelos homens que haviam esquecido Quem os criara, que, orgulhosos de si, se consideravam deuses. Mas também chorou por si e pelo seu infortúnio. Feito o último dos profetas, não soubera anunciar a Palavra de Deus aos homens. Do fundo do seu coração, Joaquim clamou: – "Senhor, tende piedade de nós." O Senhor Deus compadeceu-se então de Joaquim. Um relâmpago correu os céus de lés a lés, um trovão atroou a terra, e Deus arrebatou aos Céus o seu profeta Joaquim antes de vir julgar o mundo pelo fogo.

FIM

© António Fidalgo, *Joaquim, o Último dos Profetas*, Lisboa, Edições Cotovia, 1993.

Edição electrónica com a autorização do autor.

Projecto Vercial, 1998-2006.